

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL

JENNIFER FLORINDO DE AGUIAR

**RECONHECER-SE PARA ENSINAR:
memórias de formação e a literatura infantil por uma educação antissexista**

ITUIUTABA/MG
2023

JENNIFER FLORINDO DE AGUIAR

**RECONHECER-SE PARA ENSINAR:
memórias de formação e a literatura infantil por uma educação antissexista**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Mical de Melo Marcelino

JENNIFER FLORINDO DE AGUIAR

Monografia de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Ciências Humanas do Pontal. Apresentado à banca examinadora como requisito parcial de avaliação da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Ituiutaba, 21 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mical de Melo Marcelino (orientadora) - (ICHPO/UFU)
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela - (ICHPO/UFU)
(Banca examinadora)

Profa. Dra. Karina Klinke (UFSJ)
(Banca examinadora)

*A meu pai Marcos e à minha mãe Elenice.
Ao meu companheiro Oliver.
A família Satto, dedico este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Entre todos os encerramentos de ciclos que realizei ao longo destes 23 anos de vida, confesso, em meio a lágrimas, que finalizar a graduação tem sido o mais difícil, tendo em vista que estes cinco anos não se referiram apenas em concluir o curso de Pedagogia - *Campus Pontal*, mas sobretudo de me sentir livre para reconhecer-me e permitir-me ser minha versão de mulher e acreditar na minha capacidade de alcançar o inalcançável. Por isso, agradeço primeiramente às minhas ancestrais, a todas as mulheres que vieram antes de mim, às professoras do curso de Pedagogia, pois sem elas não seria possível desenvolver esta pesquisa, tão pouco ocupar meu lugar de fala no mundo, sendo uma mulher, lésbica, pesquisadora e pedagoga.

Agradeço a todas as forças espirituais e as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram de forma significativa e estiveram comigo durante meu percurso na universidade, assim como na escrita e finalização deste trabalho. É muito importante para eu saber que, ao longo desta trajetória, estabeleci vínculos com pessoas que me acompanharão, mesmo que distantes, durante toda minha caminhada na educação e nesta Terra. Saibam que, por onde eu for, levarei cada um(a) em meu coração!

Agradeço à minha mãe Elenice, por sempre acreditar em mim e ser minha âncora durante estes anos todos. Mesmo de longe suas orações, força, amor, coragem e resiliência se fizeram presentes em meus dias, possibilitando-me reerguer e continuar caminhando e acreditando na mulher que sou. Seu amor pela literatura e a escrita me contagiaram desde sempre, permitindo-me compreender sua significância em nossas vidas. E a meu pai Marcos que, independentemente das amarguras do passado, ele me faz acreditar que as pessoas podem mudar e da importância da presença do homem no movimento feminista. Agradeço-o por todos os ensinamentos, conselhos, incentivos durante estes anos todos, mas sobretudo por aceitar a mulher que sou.

Gostaria de agradecer de forma muito especial a meu sobrinho Gustavo, por intensificar em mim desde sua inserção no mundo, a sutileza do ser criança, pois com ele aprendo diariamente o que é amor e como é se sentir amada de um jeito puro, genuíno e intenso. Saiba que a tia sempre o carregará por onde for e, independentemente de onde eu esteja, sempre vou te amar e esperar por um mundo melhor para você e para todos nós.

Não poderia deixar de agradecer à minha família do coração, Cida, Marcus, Vitor, Renata e Alice, por serem minha fortaleza e porto seguro na cidade de Ituiutaba – MG. Não há sentimento no mundo que possa expressar o quanto amo cada um de vocês e o quanto

importantes vocês são para minha vida. Espero orgulhá-los(as) em vida e conseguir retribuir o que fizeram e fazem ainda por mim. Vocês me cativaram e me permitiram cativar vocês, e serei sempre grata por esta dádiva e como uma forma de expressar em singelas palavras o meu amor por vocês, dedico um trecho do livro: O Pequeno Príncipe (1946, p. 66)

- Que quer dizer “cativar”?
- É algo quase sempre esquecido - disse a raposa. - Significa “criar laços” [...]
- Criar laços?
- Exatamente - disse a raposa. - Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho a necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos a necessidade uns dos outros. Será para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo.

Agradeço ao universo por me presentear com um dos melhores seres humanos que existem neste mundo, minha amiga Cida, você foi/é calmaria nos momentos de tempestades eternas na minha vida, fazendo com que a felicidade se torne rotineira até mesmo quando tudo parece não haver saída. Com você, sinto que tenho ao meu lado uma mãe, amiga e companheira, que me dá colo, me levanta, me ouve e, principalmente, acredita na pessoa que sou. És para mim uma mulher potente, inspiradora, revolucionária que levanta tantas outras mulheres neste mundo, com seu caminhar leve que espalha amor, carinho, gentileza e compaixão por onde perpassa. Que eu possa ser e aprender um pouco com sua leveza e ternura para ser uma mulher e uma educadora transgressora.

À minha orientadora e amiga Mical, por ser para mim uma das versões do que é ser mulher, e compartilhar a mesma luta que a minha, sendo uma mulher que pertence ao grupo LGBTQIAPN+. Agradeço ao universo, às(aos) deusas(es) e orixás, por nossas vidas terem se cruzado de forma tão sutil, pois nos momentos de turbulências, você também segurou minha mão fazendo com que eu me sentisse capaz de ser potência e escrever uma pesquisa que tem grande importância para mim, para nós. Nossos laços se fortaleceram com o tempo, permitindo ter ao meu lado uma mulher que me inspira todos os dias a continuar esperando por onde eu vá. Desenvolver este trabalho com você durante esses tempos fez-me sentir segura e sentir as doces, acolhedoras, protetoras e amorosas águas de nossa mãe Iemanjá.

Não poderia deixar de agradecer ao meu Liv, por ter aparecido na minha vida em 2019 de modo tão singular, afrontoso, cativante e acolhedor. Você me abraçou, permitindo-me abrir meu coração para o amor e fez-me sentir digna de ser amada por você. Obrigada por ter me esperado a escrever um trabalho que fizesse/faz meus olhos

brilharem, assim como ser meu companheiro de vida e luta. Espero passar a eternidade contigo, mas independentemente de onde nossos caminhos vão nos levar, saiba que meu coração sempre será seu. Te amo!

Agradeço a mim mesma, por ter tido força e coragem para sair de minha zona de conforto, aventurando-me na cidade de Ituiutaba - MG, pois foi por meio deste movimento que pude me reinventar e reconhecer-me como uma mulher. Não posso mensurar quantas vezes pensei em desistir, por ter sido inferiorizada, invisibilizada, silenciada, desacreditada, sem chão. Porém, foram nestes mesmos momentos que encontrei minha força e voz, não somente para continuar caminhando, mas também para ser resistência. Compreendi então os sentidos de não estar e não precisar estar sozinha, tão pouco de lutar só, e agradeço a todos(as) que compartilham e estão comigo nesta luta diária de transformar o mundo em um lugar melhor.

Hoje sem medo ergo minha voz, valorizo e reconheço a mulher que sou e que ainda estou buscando ser. Agradeço a coragem que a Jennifer de quatros anos atrás, com seus cabelos longos e totalmente insegura de si, teve para abrir seu coração e mente para reconhecer sua própria história e seu significado, trilhando caminhos para se libertar das amarras da opressão. Que meu coração nunca se canse de ter essa pressa de viver e possibilitar que outras mulheres possam se reerguer também.

Todxs Putxs

Quem 'cê tá pensando que é?
Pra falar que eu sou louca
Que a minha paciência anda pouca pra você
Para de vir me encher
Quem 'cê tá pensando que é?
Pra falar da minha roupa
Do jeito que eu corto o meu cabelo
Se olha no espelho

Você não anda valendo o esfolado do meu joelho esquerdo

Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua
Quero ganhar a luta que eu travei
Eu quero andar pelo mundo afora
Vestida de brilho e flor
Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra dizer
Quem 'cê tá pensando que é?
Pra falar pra eu não usar batom vermelho
Quem 'cê tá pensando que é?
Pra maldizer até os amigos que eu tenho
Vai procurar tua turma e o que fazer
Que de gente como você o mundo anda cheio

Quem 'cê tá pensando que é?
Quem 'cê tá pensando que é?
Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua
Quero ganhar a luta que eu travei
Eu quero andar pelo mundo afora
Vestida de brilho e flor
Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra dizer
Que se usa decote, é puta
E se a saia tá curta, é puta
E se dá no primeiro encontro, é puta

Se raspa o cabelo, é sapa
E se deixa crescer os pelos, é zoadá
Se tem pau entre as pernas, é trava
Mas se bota salto alto, é santa
E se usa 44, é gorda
Mas se usa 38, é muito magra
Se sai depois das onze, vai voltar arrombada
Por que ela pediu, né? Tava na cara
Olha a roupa que ela saiu de casa
E todo discurso machista continua
"Menina, você devia usar uma roupa menos curta"
Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua
Quero ganhar a luta que eu travei
Eu quero andar pelo mundo afora
Vestida de brilho e flor
Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra te maldizer
Que o homem criou pra te maldizer

Ekena

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco o diálogo com a literatura infantil para a compreensão do ser mulher, por meio do artefato literário **“Coisa de menina”** (2016) da autora Pri Ferrari. Nesse sentido, tenho como indagação: Como as múltiplas possibilidades de “ser mulher” podem contribuir e enriquecer o diálogo sobre as questões de gênero com as crianças a partir da literatura infantil e enriquecer minha futura atuação docente? Para uma possível resposta à questão norteadora, tenho como objetivo geral: refletir sobre como a atuação docente pode ser potencializada pelas múltiplas formas de ser mulher no trabalho com a literatura infantil. Decorrem deste, os seguintes objetivos específicos: Relacionar aspectos sexistas presentes em minha vivência que, no senso comum, definem o que é “ser mulher”; Relacionar aspectos sexistas presentes em minha vivência que, no senso comum, definem o que é “ser mulher”; Identificar como minha formação acadêmica em Pedagogia coloca em suspensão tais aspectos e contribui para a minha futura atuação profissional; e Apresentar algumas orientações didático-pedagógicas para a educação de meninas e meninos, a partir da Literatura Infantil, em especial, por meio da análise do livro “Coisa de menina”, de Pri Ferrari (2016). Os procedimentos metodológicos perpassam pela pesquisa autobiográfica, tendo em vista que, ao longo do trabalho, foram apresentados breves recortes de minhas memórias. Utilizei a abordagem qualitativa de caráter exploratório, ao buscar aproximação com o problema em questão e refletir sobre o uso do livro de literatura infantil, tendo como procedimento a análise textual do artefato literário, por meio de um roteiro previamente elaborado. Nessa perspectiva, as reflexões empreendidas contribuíram para meu processo de humanização, tendo em vista que, por meio delas, foi possível refletir como fui (re)conhecendo-me enquanto mulher e como isso enriquece minha atuação na docência, compreendendo a importância de dialogar sobre as questões de gênero com as crianças, como uma possibilidade de combater o sexismo presente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Autobiografia. Memórias. Papéis sociais. Gênero. Docência. Literatura Infantil.

ABSTRACT

The focus of this Final Paper is on dialoguing with children's literature to understand what it means to be a woman, through the literary artifact “Coisa de menina” (Girl's Thing) (2016) by the author Pri Ferrari. In this sense, my question is: How can the multiple possibilities of “being a woman” contribute to and enrich the dialog about gender issues with children through children's literature and enrich my future teaching career? For a possible answer to the guiding question, my general objective is to reflect on how teaching can be enhanced by the multiple ways of being a woman when working with children's literature. This leads to the following specific objectives: To relate sexist aspects present in my experience that, in common sense, define what it is to “be a woman”; To relate sexist aspects present in my experience that, in common sense, define what it is to “be a woman”; To identify how my academic training in Pedagogy puts such aspects into suspension and contributes to my future professional performance; and To present some didactic-pedagogical guidelines for the education of girls and boys, based on Children's Literature, in particular, through the analysis of the book “Coisa de menina”, by Pri Ferrari (2016). The methodological procedures include autobiographical research, since brief clippings of my memories are presented throughout the work. I used a qualitative exploratory approach, seeking to get closer to the problem in question and reflect on the use of children's literature books, using textual analysis of the literary artifact as a procedure, using a previously prepared script. From this perspective, the reflections undertaken contributed to my process of humanization, since through them I was able to reflect on how I came to (re)know myself as a woman and how this enriches my work in teaching, understanding the importance of talking about gender issues with children as a way of combating the sexism present in our society.

Keywords: Autobiography. Memories. Social roles. Gender. Teaching. Children's literature.

SUMÁRIO

1 ENSAIOS COM A DOCÊNCIA	13
2 UMA BUSCA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DE SI.....	19
2.1 Uma menina em busca do autoconhecimento: apontamentos a partir de memórias	19
2.2 A pedagoga em uma jornada de reconhecimento de si: efeitos da passagem pela Universidade	27
3 A LITERATURA INFANTIL COMO UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA TRABALHAR: O QUE É "COISA DE MENINA"?	
3.1 A Literatura Infantil como uma ferramenta libertadora	33
3.2 Análise do artefato literário infantil.....	36
3.2.1 Síntese do livro.....	36
3.2.2 O movimento feminista presente no artefato literário.....	38
3.2.3 Qual o confronto que o livro propõe entre os papéis sociais ocupados pelas mulheres na história e na sociedade contemporânea?.....	41
3.2.4 Orientações pedagógicas para o debate com as crianças sobre o que é ser mulher.....	46
4 É APENAS O INÍCIO.....	50
5 REFERÊNCIAS.....	54

1 ENSAIOS COM A DOCÊNCIA

A presente pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tem como foco dialogar a respeito da utilização da literatura infantil para a compreensão do ser mulher, por meio do artefato literário “**Coisa de menina**” (2016) da autora Pri Ferrari. É também um convite a relembrar alguns momentos da minha trajetória enquanto mulher antes e depois de adentrar no curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO da Universidade Federal de Uberlândia - *Campus* Pontal, pois eles corroboram para minha futura atuação na docência. Ao longo da graduação percebi que o curso em questão abraça, em grande escala, o público feminino, e isso ocorre pela docência, historicamente, estar atrelada ao cuidado materno, o que desqualifica tanto a figura feminina, quanto os(as) sujeitos(as) que optam por este curso.

Durante minha trajetória na graduação, no que se refere aos ensinamentos e aprendizagens para além das aulas e conteúdos, percebo que eles conseguiram contribuir para minha formação profissional e social. Sobretudo, para minha conscientização a respeito do que é ser mulher e quais os espaços e papéis sociais que nós mulheres devemos ocupar em nossa sociedade, para além daqueles impostos pela cultura patriarcal¹. Todavia, no que tange aos componentes curriculares do curso, compreendo ser importante repensar, uma vez que consta apenas uma disciplina obrigatória que proporciona a discussão sobre gênero e sexualidade. Por isso, este trabalho de conclusão de curso pretende contribuir também com essa discussão, visto a necessidade de uma formação mais consistente nessa área.

Para mais, penso ser importante desenvolver um trabalho que possa ampliar este campo de pesquisa, e trazer para os(as) educadores(as) as possibilidades da literatura infantil como uma forma de combater a visão machista, pois, apesar de as mulheres terem alcançado conquistas significativas ao longo da segunda metade do século XX e início do XXI, ainda há vestígios do machismo² estrutural em nossa sociedade.

E com isso, compreendo por que muitas mulheres demonstram sua indignação contra o movimento feminista³, pois muitas vezes não é entendido como um movimento que “[...]

¹ O Patriarcado pode ser definido como uma “forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível.” (Reguant, 1996, p. 20).

² Pode-se entender o machismo como “[...] um discurso da desigualdade. Consiste na discriminação baseada na crença de que os homens são superiores às mulheres.” (Garcia, 2011, p. 18)

³ Destaco que o conceito de feminismo que é utilizado neste trabalho, caminha na mesma linha de pensamento de Soares (1998) partindo “[...] do princípio de que o feminismo é a ação política das mulheres. Engloba teoria,

tem a ver com direitos – é sobre mulheres adquirirem direitos iguais” (hooks, 2018, p. 12). Nesse sentido, muitas mulheres, por falta de informação, contribuem para a limitação das lutas feministas. Portanto, abordar a referida temática com as crianças é um caminho para oportunizar o contato, a reflexão e a desconstrução de atitudes e práticas discriminatórias, tendo em vista que, desde pequenas, as crianças são educadas a coexistirem com relação ao seu sexo⁴ e os padrões pré-estabelecidos pela sociedade.

É importante compreender como boa parte das crianças do sexo feminino podem ser vistas como frágeis e incapazes, já que desde pequenas são instruídas a serem boas donas de casa e esposas, tendo como referência brincadeiras, livros que remetem a práticas domésticas e inferiores às atividades dos meninos, como brinquedos, vestimentas, comportamentos e até mesmo cores, que lhe são impostas desde muito antes de nascerem, reforçando o sexismo⁵. Além disso, são limitadas a ocupar alguns espaços na sociedade, pois não é “coisa de menina” de se fazer.

Com isso, percebo que o diálogo proposto nesta pesquisa é uma forma de colaborar para a reflexão sobre a cultura machista e o empoderamento de nós mulheres que, antes mesmo de nascermos, podemos ser vistas como símbolos de lutas e resistência. Vivemos em um meio social no qual, a todo momento, precisamos lutar para conseguir coexistir na sociedade e ter voz, devido à desvalorização da figura feminina e a presença marcante do patriarcado. Por esse motivo, entendo a importância da utilização de artefatos literários⁶ que possam proporcionar, de forma didática, a compreensão das diversas formas de “ser mulher” e esperar⁷ por um mundo que abrace a todos(as) para que exerçam seus direitos enquanto cidadãs(os).

Dessa forma, o desejo de desenvolver esta pesquisa perpassa por problematizações feitas por mim acerca da nossa sociedade, sua diversidade e a estrutura patriarcal ainda

prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo.” (Soares, 1998, p. 33).

⁴ O termo sexo se refere à “biologia - as diferenças físicas entre os corpos.” (Garcia, 2011, p. 19)

⁵ Sexismo pode ser definido “[...] como o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação e exploração o sexo dominado: o feminino.” (Garcia, 2011, p. 18/19).

⁶ Neste trabalho, “[...] os artefatos culturais [são entendidos] como resultados de um processo de construção social. Nessa perspectiva, as revistas, programas de televisão, músicas, imagens, livros, filmes, jornais, entre outros são considerados artefatos culturais, pois são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura.” (Magalhães; Ribeiro, 2013, p. 45).

⁷ Freire (2014, p.5) nos convida a refletir que esperança “[...] enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.” Assim, o verbo utilizado nesse trabalho é o esperar, pois perpassa pelo sentido de agir, levantar, fazer acontecer, é não na ideia de ter esperança e ficando esperando acontecer.

defendida, assim como entender de que modo o curso em questão contribui para a formação de seus(suas) egressos(as) para o trabalho com/sobre gênero nas escolas. Esta é uma forma de combater o sexismo, tendo em vista que muitos professores(as) possuem inseguranças, e há uma barreira entre a escola e as famílias, pelas questões de gênero e sexualidade, tendo em vista a falta de conhecimento e entendimento de como abordar a temática.

Sendo assim, acredito ser necessário discutir tal temática, com maior repercussão nos cursos de graduação e nos espaços educativos. Entendo a necessidade de proporcionar uma formação mais humanizadora por meio da literatura, pois reconheço os livros infantis como ferramentas de problematização que permitem ampliar nossas visões de mundo e possibilitam (re)pensar novos caminhos para serem traçados com o objetivo de conquistar uma sociedade mais justa.

Este trabalho também foi produzido por inquietações pessoais e acadêmicas que me acompanham desde minha entrada na universidade. A partir do ingresso no curso de Pedagogia me vejo como uma sujeita em construção que está passando por um processo de humanização e que, para além de buscar o reconhecimento de si, procura respostas sobre o que “é ser mulher” e como proporcionar tais reflexões com as crianças, a fim de possibilitar a conscientização delas a respeito do movimento feminista como uma forma de luta, resistência e direitos.

Nesse sentido, em meu primeiro período do curso, no ano de 2019, na disciplina de Projeto Interdisciplinar I (PROINTER I) ministrada pela Prof.^a Dr.^a Lucia Helena Moreira de Medeiros Oliveira, tive que construir um memorial descritivo, como parte do processo avaliativo da disciplina, o qual se refere a uma autobiografia narrada de forma histórica e reflexiva, em que deveria constar brevemente nossa trajetória pessoal e profissional e os motivos que nos levaram até a graduação. Dessa forma, os(as) alunos(as) tiveram que apresentar algumas de suas memórias que contribuíram para sua formação enquanto sujeitos(as) fazedores(as) de história e desvendar como podiam contribuir para a construção de um lugar melhor como profissionais e seres humanos.

Sobre o memorial descritivo, Niedzieluk (2011.p 1) o conceitua como um documento que “[...] se caracteriza como uma auto-avaliação, instrumento das coerências, incoerências e das relações estabelecidas durante o período de sua realização recordando as memórias desde a educação infantil até a entrada no curso de graduação e estágio”. Nesse sentido, essa atividade nos instigou a pensar em nosso processo de conhecimento ao longo da vida, e entendendo o memorial também como “uma forma de reconstituir a própria existência, unir passado, presente e futuro.” Niedzieluk (2011.p 1)

Com isso, percebo que ao fazer a interlocução entre a utilização da literatura infantil para a compreensão do ser mulher com minhas lembranças, compreendo melhor como fui, ao longo dos anos, reconhecendo-me e permitindo-me vivenciar novas experiências e ouvir as vozes do meu interior que, durante tanto tempo, foram silenciadas. Assim, o passado e o presente me acompanham, pois só pude chegar até aqui devido às pessoas que vieram antes de mim, principalmente as mulheres revolucionárias que nos permitiram ter voz e coexistir em uma sociedade discriminatória. E, por conta da minha construção diária, estas influenciam os meus passos futuros.

Nesse sentido, reconstruir a identidade é também se permitir vivenciar experiências e versões de nós mesmos, e ao reconhecer-me como uma mulher pansexual, no contato com o feminismo e com outras bandeiras de luta, percebo que o corpo fala por si só, pois ele é um ato político. Durante a graduação, convivi em alguns espaços e, principalmente, com movimentos sociais que me influenciaram na escolha pela temática deste trabalho. Sobretudo por fazer parte do movimento feminista e do grupo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não - Binário e Outros (LGBTQIAPN+). Por esses, dentre outros fatores, este trabalho tem significância para mim, pois o vejo como uma forma de manifestar a importância de entender a identidade da mulher e a potencialidade do movimento feminista em nossas vidas, pois, por meio dele, pude me reconhecer enquanto mulher e pesquisadora.

Dessa forma, penso ser preciso que outros(as) sujeitos(as), assim como eu, possam olhar a educação como uma forma de libertação e transformação, já que sem ela não teria conseguido me mobilizar da posição de oprimida⁸ e tampouco escrever um TCC que tem como foco confrontar algumas práticas discriminatórias presentes em nossa sociedade, sendo algumas delas, a homofobia, o racismo, o machismo, a exclusão social e outras que ainda se fazem presentes. Por essa razão, este trabalho é uma forma de ocupar meu lugar de fala e ouvir as vozes àquelas que ainda são subalternizadas pela camada opressora, potencializando um novo olhar, uma nova compreensão sobre diversas versões de “ser mulher”.

Diante dessas reflexões iniciais, é importante pensar a formação dos(as) futuros(as) cidadãos(ã), já que, ao trabalhar desde cedo com as crianças, as questões da desigualdade de

⁸ Freire (2013, p.19) conceitua oprimidos como seres “[...] acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões.” e isso nos levar a compreender as relações de opressão que sofremos ao longo de nossas vidas e a importância de buscar meios para a libertação.

gênero⁹, por meio de obras literárias, são um modo de elas refletirem e questionarem os diversos aspectos da opressão masculina presentes no meio em que vivem. Afinal, como reforça Abramovich (1997, p. 143), “ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico, podendo se sentir cutucada e querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião”.

Com base nos apontamentos realizados, compreendo que a escolha de artefatos literários podem contribuir para a desconstrução de ações, pensamentos e práticas discriminatórias sobre a figura da mulher. E, ainda, como podem ser utilizados pedagogicamente para mediar conhecimentos significativos e que sensibilizem as crianças.

Logo, tenho como indagação de pesquisa: Como as múltiplas possibilidades de “ser mulher” podem contribuir e enriquecer o diálogo sobre as questões de gênero com as crianças a partir da literatura infantil e enriquecer minha futura atuação docente?

Para atender o problema em questão tenho como objetivo geral refletir sobre como a atuação docente pode ser potencializada pelas múltiplas formas de ser mulher no trabalho com a literatura infantil. Decorrem deste, os seguintes objetivos específicos: Relacionar aspectos sexistas presentes em minha vivência que, no senso comum, definem o que é “ser mulher”; Identificar como minha formação acadêmica em Pedagogia coloca em suspensão tais aspectos e contribui para a minha futura atuação profissional; e Apresentar algumas orientações didático-pedagógicas para a educação de meninas e meninos, a partir da Literatura Infantil, em especial, por meio da análise do livro “Coisa de menina”, de Pri Ferrari (2016).

Os procedimentos metodológicos perpassam pela pesquisa autobiográfica, tendo em vista que, ao longo do trabalho, foram apresentados breves recortes de minhas memórias, possibilitando o diálogo entre a minha história enquanto mulher antes e depois de entrar na universidade, e os aspectos históricos, culturais, profissionais e acadêmicos sobre o que é “ser mulher” e como eles influenciaram na minha identidade e formação. Nesse sentido, podemos entender que a pesquisa autobiográfica é uma metodologia, segundo Moita (1995), “[...] com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (p.113).

⁹ É uma discriminação social que prioriza o gênero masculino em detrimento do feminino. Essa desigualdade é enraizada na sociedade devido ao machismo e ao patriarcado, que colocam o homem como superior em diversas relações sociais, que vão do trabalho até a estrutura familiar. (Keiko, 2022).

A pesquisa autobiográfica é importante justamente por possibilitar o olhar para o passado e lembrar algumas experiências significativas que tive e pensar que elas têm um impacto significativo na pessoa que sou, tendo como principal desejo combater tudo aquilo que os homens e, de modo geral, a sociedade, afirmam que as mulheres não podem ser. Bosi (1994, p. 55) acrescenta que “lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Por essa razão, penso que ao abordar este tema em um TCC, tenho a oportunidade de, não somente apresentar sucintamente sobre meu processo de (re)conhecimento, mas de presentear a mim e as mulheres que tiverem contato com esse texto, (re)lembrar a nossa força, luta, resistência, potencial e que nosso lugar é onde queremos estar/ocupar.

No que se refere às reflexões teóricas, foi feito um levantamento bibliográfico, dialogando com autores e autoras que tratam sobre a importância da escrita de si, as questões de identidade, os papéis sociais, assim como ampliar minha compreensão a respeito do que é “ser mulher”. Também devo mencionar os autores e as autoras que consultei no que concerne à literatura e sua função formadora, para além daqueles(as) que discutem sobre o movimento feminista e as concepções do ser mulher. Tais perspectivas funcionaram como uma espécie de costura de alinhavo entre minhas memórias, mobilizando as reflexões sobre os temas mobilizados e a proposição pedagógica para trabalhar com o livro **“Coisa de menina”** (2016) com as crianças.

Por fim, após essas considerações iniciais, as seções seguintes foram divididas em quatro partes. A próxima seção aborda sobre uma menina em busca do autoconhecimento, no qual busquei sintetizar, por meio de minhas memórias, como se deu meu processo de autoconhecimento enquanto mulher; em seguida, a respeito da pedagoga em uma jornada de reconhecimento de si: efeitos da passagem pela Universidade, dialoguei brevemente sobre como a graduação contribuiu para minha compreensão acerca do que é “ser mulher” e como isso influencia no meu exercício da docência. Posteriormente, foram apresentadas orientações pedagógicas para a discussão com meninas e meninos a partir da análise do livro “Coisa de menina”, de Pri Ferrari (2016). E, por fim, nas considerações finais, retornei aos objetivos traçados, a fim de refletir se, e como, foram alcançados, assim como uma possível resposta para o problema em questão.

2 UMA BUSCA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DE SI

2.1 Uma menina em busca do autoconhecimento: apontamentos a partir de memórias

E um homem não me define. Minha casa não me define. minha carne não me define. EU SOU MEU PRÓPRIO LAR (Francisco, El Hombre, 2016)

Ao olhar de uma forma mais cuidadosa e crítico-reflexiva para minha vida antes de adentrar na Universidade, percebo que não conseguia enxergar a dimensão do quão opressor eram todos os âmbitos que transitava, principalmente o meu meio familiar, sendo que vivia em um ambiente machista, preconceituoso, excludente, discriminatório e que, a todo momento, me silenciava.

Essas questões me tiravam totalmente do eixo, principalmente por não compreender o quanto as mulheres ao meu redor eram desvalorizadas, sendo colocadas em posições somente como boas donas de casa e submissas aos homens. Sobre isso, Machado (2015, p. 24) afirma que “A nossa sociedade é regida por um sexismo que está enraizado; ao homem ainda cabe a visão de provedor do lar, e à mulher, o papel de boa esposa e dona de casa.” Com isso, os poucos conhecimentos que adquiri foram suficientes para que pudesse compreender a gravidade dessas ações e valores e entendi que minha vida precisava ter outra perspectiva, ao invés daquela que vivia.

Muitos foram os momentos em que me vi sendo anulada e silenciada, o que reforçava a cultura patriarcal, tendo em vista que os ideais ainda defendidos pela sociedade eram reproduzidos em minha vida, como problematizado por Santos (2012, p. 155): “o lugar de onde vivencio as minhas experiências me é aquele que secularmente nos tem oferecido à paisagem desigual, racista e sexista da nossa sociedade”. Dessa forma, ao refletir sobre o meu ambiente familiar, percebo o quão estava condicionada, pois ao mesmo tempo que era um espaço que me acolhia, era também um âmbito que me oprimia.

Quando começamos a ter consciência de como tradicional é o meio em que vivemos, problematizamos muitas questões em pauta, as quais, às vezes, podem assombrar a sociedade durante muitos anos, como ser mulher por exemplo, pois somos moldadas, caracterizadas e instruídas com base no nosso sexo biológico, sendo que ao:

Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios e desvantagens... ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. (Louro, 2016, p. 89).

Para mais, Louro (2016) nos convoca a refletir que ao definir o sexo de uma pessoa, sendo masculino ou feminino, estamos reproduzindo as ações da sociedade que estabelece as diferenças biológicas com base em uma perspectiva sociocultural. Isso acarreta a desigualdade entre os gêneros, na qual o homem é o detentor de poder e direitos e a mulher é vista como um ser frágil e inferior, proporcionando um cenário no qual esta até pode ocupar um papel importante, mas não superior ao do homem.

De acordo com Beauvoir (1980, p. 9) entendemos que:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Podemos compreender, segundo a autora, que nós mulheres não nascemos com uma essência¹⁰ feminina definida, nos desenvolvemos por meio da nossa relação com o mundo, com a educação e nossas escolhas. Dessa forma, cabe a nós mulheres escolhermos quem queremos ser, porém historicamente somos ensinadas a coexistir na sociedade subjugada aos homens, devendo satisfazer suas necessidades e ocupar papéis de menor valor social.

Ao relembrar alguns momentos de minha infância, percebo que fui sufocada com estes princípios e cada vez mais ficava presa nos modelos patriarcais da sociedade. Via “[...] a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso também o cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardião do afeto e da moral na família. [...] uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa”. (Faria; Nobre, 2003, p. 2). Esse contexto fez-me contestar minha própria existência no mundo e aumentou o desejo de confrontar tais ideais que afloram cada vez mais, como aquelas que se referem às diversas versões de conviver na sociedade enquanto mulher.

Com isso, foi importante fazer o movimento de autorreflexão e me questionar, pois percebi que estava aberta a vivenciar outras perspectivas de vida e ampliar meus conhecimentos, buscando traçar novos caminhos. Dito isso, penso que, a partir do momento que tomei coragem para seguir conforme meus desejos, comecei a (re) construir minha personalidade, meus costumes, valores, pois são questões em aberto, sobretudo porque cada ser pode se constituir de acordo com suas próprias escolhas. Por isso, vejo-me como uma sujeita em constante transformação, que também pode ser vista como uma representação de

¹⁰ O ponto de partida de Beauvoir sobre a teoria da essência, caminha na mesma direção da ideia de Sartre (1987, p. 9), acerca do existencialismo, pois “[...] a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva, ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.” Com isso, podemos entender que o ser humano não tem uma essência, ou identidade definida ao nascer, mas a partir da nossa inserção no mundo que definimos o que queremos ser e o que nos tornaremos.

revolução, resistência, força. Esse movimento inicial de autorreflexão foi fundamental para que pudesse compreender o quão prejudicial é ficar presa em nossas bolhas sociais, pois elas têm o poder de nos colocar em situações de subalternização.

Mesmo na construção de uma identidade própria, não temos o domínio dela e somos a todo momento instigados e pressionados a ser quem não somos, sem ao menos ter consciência disso, porque o meio que estamos inseridos pode acabar interferindo negativamente em nossas vidas. Nesse sentido, é importante sermos seletivos(as) nas relações que estabelecemos à nossa volta, pois elas contribuem para nossas aprendizagens e formação humana, tendo em vista que nossa identidade é construída a partir do convívio e a socialização de saberes com as pessoas. Veiga (2010) discorre que:

[...] a identidade é construída, significa dizer que ela não aparece de repente nem de modo isolado do mundo. A influência do contexto social ocorre também nos aspectos psicológicos das pessoas, no desenvolvimento da personalidade e na construção da identidade profissional. (Veiga, 2010, p. 185).

Dessa forma, entendo que a construção de nossa identidade é algo que nos acompanha desde nossa inserção na sociedade. Por isso, é importante levar em consideração toda nossa trajetória, pois por meio das experiências fui me tornando mulher e o entendimento que tenho hoje sobre o que isso significa vai na contramão daquela que me foi apresentada, pois durante muito tempo em minha vida não conseguia perceber-me uma sujeita de direito e voz.

Uma consciência social incipiente não permitia que me impusesse e saísse do ciclo vicioso que estava inserida, e isso me causava inquietações de querer fazer algo para mim e para as que também se encontravam em situações de alienação e opressão. O desejo de revolucionar parte também de minha convivência com uma mulher que todos os dias me inspirava a ser melhor e que, desde a minha infância, mostrava-me o que é “ser mulher”. Ela é Elenice Fabiana Florindo de Aguiar, para muitos conhecida como Leh, para mim: mãe.

Minha mãe é uma mulher negra, trabalhou como empregada doméstica, teve condições de finalizar seus estudos no tempo adequado, mas não conseguiu e, já adulta, viu a Educação de jovens e adultos (EJA) como uma forma de finalização de ciclo na educação básica. Seu sonho sempre foi ir além e ocupar os espaços escolares por meio da docência. Porém, a partir do momento que se tornou mãe, viu seus sonhos escorregarem pelos seus dedos e passou a ser mãe, esposa e doméstica.

Ressalto que, para mim, ela é sinônimo de gentileza, amor, compaixão, força, empoderamento, pois sua trajetória de vida é repleta de luta e coragem, tendo em vista que,

nos momentos de opressão e de fragilidades, buscava se impor e guerrear por seus direitos. Sua compreensão sobre o movimento feminista é incipiente, devido aos conhecimentos que teve acesso em seu meio, vendo-o como algo radical e não como uma forma de conquista de direitos e voz, mesmo combatendo o patriarcado vivenciado em seu cotidiano.

Para mais, ela é uma mulher de fibra, pois suas batalhas começaram dentro de casa, como dona de casa, mãe e esposa. Saía cedo para trabalhar, tendo que arcar com uma dupla jornada de trabalho, enquanto meu pai marcava presença física e financeira destinada apenas para nossos cuidados básicos. Ao pensar nesses momentos, uma tristeza se apodera de mim, pois é desmotivador pensar em como ela e outras mulheres tendem a levar uma vida permeada pelo sexismo, pois a maioria delas.

[...] não entende o sexismo ou, se entende, pensa que ele não é um problema. Uma multidão pensa que o feminismo é sempre e apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens. E a grande maioria desse pessoal pensa que feminismo é anti-homem. A incompreensão dessas pessoas sobre políticas feministas reflete a realidade de que a maioria aprende sobre feminismo na mídia de massa patriarcal. O feminismo sobre o qual mais ouvem falar é ilustrado por mulheres que são primordialmente engajadas em igualdade de gênero – salários iguais para funções iguais e, algumas vezes, mulheres e homens dividindo as responsabilidades do trabalho doméstico e de maternagem e paternagem. (hooks, 2018, p. 17)

Dessa forma, compreendo a potencialidade deste trabalho para que as mulheres e as crianças possam aprender, por meio de reflexões e intervenções pedagógicas, sobre as políticas feministas, compreendendo a amplitude do que é ser mulher. Isso permite analisar que, para além de termos que ser resistência, em uma sociedade machista que nos coloca em funções de subalternidade, em situações de vulnerabilidade, precisamos, a todo momento, comprovar nosso valor, capacidade e eficiência, em comparação com a figura masculina. Esta é uma educação que a criança que ainda vive em mim gostaria de ter tido.

Nesse sentido, a pedagogia é uma área de atuação que também nos permite explorar a docência de diversos modos, principalmente no que tange à mediação de uma educação transgressora e antissexista, tendo em vista que é uma proposta que a Jennifer menina, de anos atrás, gostaria de ter tido contato, pois é uma forma de libertar os(as) sujeitos(as) das amarras das políticas patriarcais enraizadas.

A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, destaca que todos(as) “[...] são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” (Brasil, 1988). E reafirma no inciso I que “homens e mulheres

são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (Brasil, 1988). Porém, quando observamos como esses direitos estão presentes no cotidiano, verificamos que as mulheres, para além de sofrerem discriminações no ambiente de trabalho, têm seus direitos básicos negados como liberdade, segurança, moradia e saúde.

Caminhando nesta mesma linha de pensamento, Magalhães (1980, p. 129/130) aborda que, na Comissão Parlamentar Inquérito (CPI) realizada no ano de 1977 no Congresso Nacional, uma das depoentes presentes (Carmen Lúcia de Melo Barroso) relatou a invisibilidade que a mulher brasileira sofria em uma sociedade machista, na qual passavam por um processo de segregação ocupacional e salarial, uma vez que:

[...] a mulher quando sai para exercer uma atividade remunerada encontra menos oportunidades no mercado de trabalho, trabalhos menos gratificantes e realizadores, salários mais baixos para exercer exatamente a mesma atividade masculina, menos prestígio e condições de trabalho piores que as dos homens. Além de tudo isso, toda mulher que trabalha fora de casa continua arcando sozinha com toda a responsabilidade das tarefas domésticas — é a chamada dupla jornada de trabalho, sem descanso e sem férias. (Cf, CPI da mulher, depoente citada, 1977).

Esse cenário ainda permanece, para além de ser desprovida de momentos de lazer, a figura feminina quando consegue um emprego depois de determinadas tentativas, acaba vivenciando uma dupla jornada de trabalho e um ambiente completamente hostil, que desvaloriza sua mão de obra. Ao refletir sobre essas questões, recordo-me várias vezes minha mãe chegar em casa cansada, mas, mesmo assim, não podia deixar o cansaço transparecer ao nos vermos, pois ainda tinha tarefas domésticas e maternas para cumprir.

É importante que nós mulheres questionemos essas condições, pois como defende hooks (2018, p. 23), “[...] compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas.” Assim, a conscientização feminina se torna revolucionária, pois conseguimos entender e identificar as amarras do patriarcado, como ele se institucionalizou e como ainda é presente na sociedade, tendo em vista que “antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência.” (hooks, 2018, p. 23). A partir de nossa consciência de mundo é possível também nos libertar da condição de alienação que, durante muito tempo, nós mulheres enfrentamos.

Logo, percebo o quão necessário é fazer o movimento de revolução, pois é preciso desconstruir falas, ações e pensamentos preconceituosos e discriminatórios que dizem respeito à mulher, mas, acima de tudo, enquanto pedagoga em formação, devo levar esse

legado adiante e promover a discussão de tais temáticas, para que as crianças possam crescer com a compreensão que há várias formas de ser mulher, já que é essencial que tenhamos:

[...] um olhar mais sensível ao reconhecimento das diferenças, sejam elas de “raça”, gênero... discutirem formas de desigualdade, preconceitos e discriminação, como também apontarem saídas, no sentido de enfrentamento das suas condições de existência neste contexto, direcionadas para a utopia de uma sociedade menos desigual. (Santos, 2012, p. 144).

Como afirma Santos (2012), penso que, para além de discutir sobre os problemas sociais presentes em nossa sociedade, é importante agir e buscar meios para combater qualquer tipo de discriminação e preconceito. Nesse sentido, podemos nos apegar ao inédito viável de Freire (2014), o qual pode ser entendido como:

[...] uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um "percebido destacado" pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. (Freire 2014, p. 106).

Assim, acreditar em um mundo melhor não somente para as mulheres, mas para todos(as), é buscar meios para ter consciência das questões de opressão vivenciada, ou seja, conseguir sair da zona do querer, para conquistar de fato a mudança social. Também percebo que é preciso provocar esse movimento nas pessoas à nossa volta e isso só pode ser feito quando entendemos a educação como uma forma de transformação social, sendo importante o movimento coletivo, pois “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (Freire, 2000, p. 31)

Por esse motivo, durante meu processo de reconhecimento foi preciso ver a educação como um meio de conscientização, a qual me possibilitou enxergar para além da minha bolha social que estava me desvalorizando enquanto mulher. Com isso, ao questionar sobre esses valores e costumes impregnados na sociedade, percebi que, no final das contas, o problema não sou eu, ou nós mulheres, mas sim esse modelo de sociedade patriarcal que inferioriza a figura da mulher e que, mesmo com avanços, no que tange à luta feminista, ainda é preciso combater o machismo e qualquer ato que interfira nos direitos humanos. Por tais motivos percebe-se que há muito o que combater, tendo em vista os altos índices de feminicídio e a mulher ainda ser vista de maneira pejorativa, como um objeto de posse.

Outrossim, antes não conseguia perceber como fui me anulando aos poucos, deixando de lado meus sonhos, desejos, por conta das regras de convivência que me via imposta a seguir, mesmo que, indiretamente, compreendesse, devido os momentos de opressão, a importância de romper com tais ideias e reconstruir minha identidade, porque acredito que

ninguém pode nos definir. Esse movimento de autoconhecimento como uma sujeita de direitos e mulher, só foi possível devido à possibilidade de relembrar minha trajetória, minhas lutas coletivas e individuais e, principalmente, relembrar quem eu era, pois como salienta Bosi (1994),

[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (Bosi, 1994, p. 55).

Dessa forma, Bosi (1994) nos convida a refletir em como lembrar é aprender, é poder buscar na memória fatos que já aconteceram e que contribuem para a pessoa que estamos nos tornando, pois é por meio desse movimento que podemos nos compreender enquanto sujeitos em construção. Além disso, é uma possibilidade de nos permitirmos viajar ao nosso passado e analisarmos com estas lentes quem somos hoje e isso faz com que "enxerguemos" coisas que não víamos e que temos a oportunidade de refletir e melhorá-las. Percebo que a busca pelo meu autoconhecimento é um movimento constante, pois muitos direitos me foram negados, como os direitos de fala; mas os saberes que me acompanham desde então, contribuem para minha compreensão acerca das questões sociais sexistas presentes na sociedade e o entendimento de que não há um único modelo de ser mulher na contemporaneidade.

Essas reflexões me levaram a entender mais sobre como as influências sociais, familiares e de gênero, impactam significativamente na educação dos homens e mulheres, pois a construção de nossa identidade e dos papéis sociais desempenhados pelos(a) indivíduos(a), são, em sua maioria, denominados por seu sexo biológico, o qual “diz respeito às características físicas e anatômicas que diferenciam mulheres e homens.” (Lima *et al.*, 2017, p. 35). Assim, é importante entender a diferença entre este conceito e o de gênero, pois gênero se refere a “um conjunto de representações culturais, valores e atribuições sociais direcionadas a cada gênero, o masculino e o feminino.” (Lima *et al.*, 2017, p. 35). Isso nos leva a compreender que os estudos nesta área buscam explicar como se dá as relações sociais estabelecidas pelos indivíduos e por quais motivos os homens e as mulheres são educados(as) de maneira distinta.

Diante disso, podemos entender que, a partir destas representações com base no sexo masculino e feminino, é ensinado, tanto no ambiente familiar como nos espaços escolares, que a divisão dos papéis sociais ocupados pelas mulheres e os homens na sociedade devem caminhar ao encontro da perspectiva do patriarcado, no qual cabe:

[...] ao homem o controle das instituições econômicas, legais e políticas e, à mulher, o cuidado da casa e dos filhos e a satisfação da sexualidade do marido, [dotando] o homem com um poder estrutural que lhe concedeu a primazia de grupo dominante e fez com que a família se constituísse em locus privilegiado de reprodução dos valores patriarcais referentes à superioridade masculina e à inferioridade feminina (Ferreira, 2004, p. 120).

Por essa razão, as relações estabelecidas entre a mulher e o homem tem se configurado de subalternização e de dominação, pois há forte presença da supremacia masculina, a qual inferioriza a figura feminina e a limita de exercer determinadas profissões, como por exemplo: mecânico(a), empresário(as), dentre outros, pois são cargos historicamente remetidos ao sexo masculino.

Essas questões me levam a compreender como os aspectos sexistas definem o que é “ser mulher”, pois desde antes de nascermos somos instruídos(as) a viver em uma sociedade com base no nosso sexo, uma vez que a família prepara a chegada da criança a partir do momento que descobre se vai ser menina ou menino. E isso nos leva a perceber que, assim como o ambiente familiar, a sociedade reproduz padrões de comportamento e regras, remetendo o papel da mulher a funções maternais e domésticas.

Na busca por romper com esses estereótipos, busquei sintetizar sobre meu processo de autoconhecimento, pois foi a partir dele que surgiu o desejo de sair de minha zona de conforto e ampliar os horizontes me aventurando na cidade de Ituiutaba-MG, na Universidade Federal de Uberlândia - Campus Pontal, ingressando no curso de Pedagogia no ano de 2019. Essa movimentação revelou o que minhas experiências em uma cidade no interior de São Paulo me impossibilitaram, para além do modelo defendido pelo patriarcado e entender a pedagogia não se constitui apenas em ser professora de criança pequena.

Na próxima seção, busco abordar brevemente minha trajetória na universidade, e apresento reflexões sobre como o curso de Pedagogia - *Campus Pontal* contribuiu para meu (re)conhecimento, a aproximação com a temática da pesquisa, assim como suas contribuições para o meu papel na docência, no que se refere a importância de articular as questões de gênero no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

2.2 A pedagoga em uma jornada de (re)conhecimento de si: efeitos da passagem pela Universidade

Como uma forma de dar continuidade às reflexões apresentadas anteriormente, nesta seção busquei apresentar algumas lembranças vivenciadas na graduação, e em outros ambientes que percorri durante a vida universitária, sendo eventos da cidade, casa de amigos(as), etc., que contribuíram para minha formação enquanto mulher e pedagoga. Nesse sentido, ao me tornar estudante do curso de Pedagogia no *Campus* - Pontal me deparei com momentos de muitas frustrações e inquietações. Isso porque identifiquei indagações pessoais e acadêmicas que precisavam ser respondidas, principalmente em relação a como será minha prática enquanto professora.

Diante disso, precisei fazer o movimento de ação e reflexão entre a realidade que me deparava antes e depois de adentrar no espaço acadêmico, levando em consideração o contexto humano, político e social. Esse exercício tornou-se um divisor de águas para mim, pois durante o percurso me reconheci como uma mulher lésbica; entendi meu local de fala e meu lugar na sociedade. Para entender melhor, posso defini-lo como dialógico, pois “vai da realidade à consciência, da consciência à realidade, em um movimento esclarecedor e transformador” (Gutiérrez, 1988, p. 108). Por essa razão, entendo a importância da educação libertadora em nossas vidas, pois por meio dela é possível despertar nossa consciência social, uma vez que impactou não somente minha formação profissional, mas, sobretudo pessoal, enquanto mulher, lésbica, pesquisadora, pedagoga e ser humano.

Ressalto que meu processo educativo em espaços não escolares também foi muito importante para a minha compreensão sobre o que é ser mulher. Assim, a partir do meu contato com movimentos sociais, eventos culturais, diálogos em bares, minha vivência em uma república durante meu primeiro ano na faculdade, dentre outros ambientes, pude expandir minha cultura, meus valores e costumes e compreender quão diversa é nossa sociedade, bem como valorizar esses campos também com fins educativos.

Sobre a educação não escolar, posso entender, fundamentada em Gohn (2014), que é:

[...] aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nossa concepção de educação não formal articula-se ao campo da educação cidadã – a qual no contexto escolar pressupõe a democratização da gestão e do acesso à escola, assim como a democratização do conhecimento. Na educação não-formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s). (Gohn, 2014, p. 40).

O que a autora nos convida a refletir é justamente pensar na potencialidade da educação não-formal em nossas vidas, pois é aquela em que as aprendizagens são construídas por meio da nossa interação com o meio em que vivemos, pela socialização de conhecimentos, experiências e perspectivas. Esta pode ter como intuito despertar a consciência social e a formação de indivíduos emancipados e livres, para que eles(as) consigam se identificar como sujeitos(as) de direitos e lutar por um mundo mais digno e justo para todos(as).

Ressalto que durante minha estadia na república *Ufuracão* pude conhecer pessoas incríveis que me ensinaram, acolheram-me nos meus momentos de fragilidades, incompreensões, conflitos e inquietações sobre nossa sociedade. Entre essas pessoas que compartilhei minha vida durante um tempo, gostaria de enaltecer uma mulher, a qual me cativou por sua força, coragem e desejo de combater as barreiras do machismo estrutural, dentre outras questões presentes em nosso mundo.

Com ela, (re)aprendi a me ouvir, respeitar-me, amar-me e valorizar-me e perceber-me enquanto mulher. Também entendi que não estou sozinha e que o movimento feminista é revolução. Por isso, nós mulheres precisamos caminhar juntas, para que possamos nos fortalecer e lutar as batalhas que travamos. A partir destas vivências, meu contato com o feminismo se intensificou, e a compreensão como um movimento que

[...] busca repensar e criar a identidade do sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem, ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas”, ou “masculinas” sejam atribuídos do ser humano em sua globalidade. Que afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimento nos homens a serem vivenciadas nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relação a poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc. (Alves; Pitanguy, 1985 p. 9-10).

Diante disso, é importante entender que o feminismo busca despertar a conscientização das mulheres acerca do poder do patriarcado, assim como proporcionar a reflexão sobre a identidade dos sexos femininos e masculino, ao contrário dos modelos hierarquizados, bem como discutir as questões de gênero. Por isso, homens e mulheres devem ser livres para formar suas próprias identidades, independente de seus sexos, pois é esta questão que as autoras chamam atenção, pois o feminismo tem a ver com a conquista de direitos, liberdade e o combate ao sexismo na sociedade.

Foi na graduação que me senti livre e abrir minha mente e meu coração para reconhecer-me como uma mulher pertencente ao grupo LGBTQIAPN+, pois me deparei com uma diversidade social e cultural muito grande, acima de tudo, com um lugar que me abraçou do jeito que sou. Assim, a socialização de conhecimentos com outras pessoas e com meu núcleo de amigos(as) fizeram-me entender que minha sexualidade, o meu cabelo curto, minha vestimenta, a pessoa que sou, não me torna menos mulher. E estas questões afloram emoções e sentimentos de indignação com relação à sociedade onde o patriarcado, a discriminação e o machismo se fazem presentes. Por isso, as políticas feministas e a educação antissexista pode ser caminhos para a libertação social.

Assim, por meio desse movimento, percebo a gravidade do machismo estrutural ainda presente na sociedade, pois no espaço acadêmico deparei-me com situações que explicitam a dominação, violência, preconceito e a inferiorização feminina e compreendi que se torna ainda mais intensa nos espaços escolares, quando somos mulheres e lésbicas. Sobre essa questão, Nicholson (2000) considera “[...] ser possível introduzir a dimensão da sexualidade e das identidades construídas nos processos de poder e dominação, pois é a partir dos modelos de dominação que a heteronormatividade se apoia para excluir, invisibilizar e inferiorizar as mulheres lésbicas.” Logo, essas mulheres são colocadas em posições de julgamento e é imposto a elas se enquadrarem nos modelos heteronormativos defendidos, os quais as colocam em posições de inferioridade e silenciamento e essas “[...] implicações sociais em torno das lésbicas reverberam em condições de estigma, exclusão e invisibilidade que visam determinar o lugar que elas ocupam na sociedade e nas instituições.” (Andrade; Souza, 2023, p. 448).

Os pontos mencionados me fizeram questionar sobre minha atuação na docência, pois “embora a docência tenha se configurado historicamente como uma profissão composta majoritariamente por mulheres é também no ambiente escolar que as lésbicas têm suas identidades negadas e forçadas” (Andrade; Souza, 2023, p. 449). O que reforça a presença marcante do padrão imposto pela heteronormatividade, resultando na discriminação e a falta de acolhimento de mulheres fora deste modelo nos espaços escolares, dentre outros âmbitos que reproduzem estas normas de (con)vivência.

Por essa razão, compreendo que a identidade é “formada e transformada continuamente, em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 198, p.13). Nessa perspectiva, a identidade da mulher lésbica é colocada em suspensão no ambiente escolar e, por isso, ainda é preciso lutar e ser resistência neste, e entre outros espaços, que impulsionam a exclusão, silenciamento e

conflitos que impossibilitam a esse grupo exercer seu papel na docência e de cidadania. Portanto, podemos refletir que, no ambiente escolar, é necessário que nos reinventemos como mulheres lésbicas para que possamos ser aceitas, pois, enquanto professoras, nossa identidade se torna “um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão.” (Nóvoa, 2010, p. 16).

A escola ainda é, segundo Souza (2000), um ambiente bastante hostil que normaliza ações opressivas, repressivas e que silencia as pessoas que não pertencem aos padrões de gênero e sexualidade, pois se pauta pela heterossexualidade, podendo ser tanto estudantes quanto professores(as). E me vi sendo alvo destas condutas, ao ter contato com o chão da escola, por meio dos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia - *Campus Pontal*, e entre outras atividades que participei ao longo da graduação, pois foi necessário ter uma atenção maior para minha aparência, meu comportamento e como teria que me apresentar nesses lugares. Essas questões ainda me assombram com incertezas a respeito da minha atuação e potencialidade na docência, pois compreendo que não se trata de ser funcional, mas pertencer ao padrão patriarcal e heteronormativo.

Por meio dessas inquietações, busquei também entender de que modo o curso de Pedagogia - *Campus Pontal* contribuiu para minha formação e meu exercício na docência, enquanto mulher, pedagoga e lésbica, pois entendo que a escolha por esse curso passou por influências, familiares e sociais, pois, desde minha infância, ao brincar de escolinha, ou em outros momentos quando ajudava meus familiares com os deveres de casa, ouvi: “Quando crescer vai ser professora”, o que reforçava as características tradicionais atribuídas à mulher, como a figura de cuidadosa que tem o “dom para ser professora”.

O magistério no Brasil é criado na segunda metade do século XIX, todavia as professoras somente ganham espaço no início do século XX, sendo reforçados “[...] argumentos do perfil ideal de professora. A docência era uma ampliação dos atributos ditos femininos voltados para o cuidado, dedicação e modelos dóceis de virtudes.” (Louro, 2003, p. 79). Em relação aos cursos de Pedagogia, a partir da segunda metade do século XX, direcionaram-se para a formação de professores(as) de crianças pequenas, como reforçado por Severo (2017) ao se referir que é uma tendência nos principais cursos de pedagogia ainda no século XXI. O(A) profissional que atua no ambiente escolar tem sua identidade desvalorizada, tendo em vista que o “modelo ideal de professora historicamente constituído apresenta atributos de mestra ideal que perpassam por comportamentos e símbolos corporais.” (Andrade; Souza, 2023, p. 453)

Assim, estas questões me acompanham ao longo da graduação, pois me deparei com poucas disciplinas e discussões sobre as questões de gênero e compreendi ser importante proporcionar o debate aos(as) graduandos(as), pois é uma forma de ampliar suas visões acerca da temática e contribuir para seus processos formativos pessoais e profissionais.

Nesse sentido, ao ler o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia, tanto a versão de 2007 quanto a de 2019, das 58 disciplinas que foram ofertadas, apenas uma teve enfoque na área de gênero e sexualidade. Assim, no que tange às fichas de disciplinas da versão curricular de 2007, apenas o componente curricular História, Gênero e Educação tratava do tema, e era optativa, com carga horária total de 60 horas, ofertada pela Prof.^a Dr.^a Karina Klinke. O referido componente curricular tinha como foco discutir os seguintes temas:

Paradigmas de análise dos estudos da mulher; A crise dos paradigmas; Metodologia nos estudos de gênero; Perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano da mulher; A crítica da cultura do feminismo na modernidade; A concepção de subjetividade, identidade, exclusão e a questão da igualdade e diferença no mundo contemporâneo; A construção da cidadania e a emancipação da mulher; A História da Educação sob a ótica da Educação e gênero e Mulher e Educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia. (UFU, 2017).

Com base na ementa da ficha curricular da disciplina foi possível identificar que buscava abordar conteúdos bastantes pertinentes no que tange aos estudos acerca da mulher, o movimento feminista, articulando com a educação. Por essa razão, o viés da disciplina se tornava significativo na formação dos(as) estudantes. No entanto, fez parte da primeira turma após a alteração do currículo e, portanto, com a nova versão não foi possível cursá-la.

Na versão curricular de 2019, o número de disciplinas se manteve o mesmo; e, como no currículo anterior, apenas uma, Corpo e sexualidade tem alguma relação com o tema, a qual é obrigatória, porém tem apenas 30 horas, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Claudiene Santos. A referida disciplina busca dialogar sobre: “a história da sexualidade; Desenvolvimento psicosssexual; Corpo, gênero e sexualidade; Sexualidade e orientação sexual e Sexualidade e práxis pedagógica” (UFU, 2019). Ela foi ofertada pela primeira vez de forma *online* no 2º semestre de 2021, como atividade acadêmica remota emergencial – AARE¹¹.

Os conhecimentos adquiridos ao longo do referido componente curricular se tornaram um divisor de águas para mim, visto que uma das atividades avaliativas propostas foi a realização de um estudo de caso, que teve como foco analisar uma criança que performava

¹¹ “As AARE são ações típicas do processo de ensino e aprendizagem que, em decorrência da ocasional necessidade da manutenção do isolamento físico entre os participantes desse processo, por conta da Pandemia da COVID-19, são realizadas com a mediação dos recursos das tecnologias digitais de comunicação e informação e resultarão no enriquecimento formativo e no aproveitamento curricular, de acordo com um plano de atividade próprio para o período de suspensão do Calendário Acadêmico” (UFU, 2020)

como menina e foi vítima de preconceito e discriminação na escola por parte dos familiares das outras crianças por ter uma mochila do Hulk. Nesse sentido, a temática escolhida por mim foi a respeito da generificação¹² dos objetos e corpos infantis, podendo ser entendida como:

[...] ações que fazem com que haja uma conservação e uma distinção entre o que é próprio do homem ou da mulher na sociedade e que são ensinados para as crianças através de espaços, comportamento, vestuário e brincadeiras, ditando o que é permitido a um sexo e negado a outro e vice-versa, numa espiral sem fim. (Campos, 2019, p 14).

É importante refletirmos que educação tem sido mediada para as crianças pelos(as) adultos(as), tanto no contexto familiar quanto do escolar, as quais são ensinadas a coexistir na sociedade, com base na distinção entre o que é de menino e de menina, o que as limita em serem livres e autônomas e de poderem frequentar e ocupar determinados espaços, com base nos seus próprios quereres.

Ademais, compreendo que, devido às circunstâncias enfrentadas, de certo modo, as experiências adquiridas na disciplina me foram suficientes para colocar em suspensão algumas ideias que antes carregava acerca do que é “ser mulher”. Porém, compreendo que, por se tratar de um curso, com foco na docência, deveria proporcionar um diálogo maior sobre as questões de gênero e sexualidade, pois nós, enquanto pedagogos(as), devemos fazer a mediação de conhecimentos que possam contribuir para a conscientização, visando a transformação social e o combate às ações discriminatórias e preconceituosas impregnadas em nossa sociedade.

Este movimento pode ser fundamentado pela *práxis*, sendo “reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento, reflexão e criação” (Freire, 2013, p. 127). A *práxis* se constitui por um conjunto de práticas com intencionalidade que visam a transformação do status quo, pois elas requerem reflexão, consciência crítica e fundamentação teórica. Na educação é um meio de proporcionar a libertação, criatividade, diálogo, reflexão, conscientização dos(as) sujeitos(as), para que possam utilizar os conhecimentos obtidos para problematizar a realidade em que estão inseridos(as).

Diante do que foi discutido, trouxe à tona algumas memórias no que se refere à minha passagem no espaço acadêmico, com foco no curso de pedagogia em questão, visto que, ao ler o PPP do curso e analisar as fichas curriculares das disciplinas, percebi que é preciso

¹² Segundo Arbo (2017), a “generificação acontece desde o anúncio à família de que um bebê que está por vir é uma menina ou um menino, aos difundidos comentários na família, na escola, nas mídias, sobre o que meninas e meninos devem ou não fazer e como devem se portar” (Arbo, 2017, p. 8)

(re)pensar o currículo, a fim de possibilitar maior contato e diálogo dos(as) graduandos(as) com as questões de gênero e sexualidade, visto que se fazem presentes e são polêmicas no cotidiano escolar.

Outrossim, ainda, é preciso ampliar seus olhares a respeito do que é ser mulher e quais seus papéis na sociedade, bem como a importância de desenvolver práticas pedagógicas que possam colaborar com esse diálogo desde a educação básica, pois é uma forma de contribuir com a formação de sujeitos(as) que possam lidar com as diferenças e enxergar a mulher para além da visão patriarcal.

Na seção seguinte será apresentada como a literatura pode ser vista como uma ferramenta transformadora, tendo em vista os desafios enfrentados em uma sociedade machista, sexista e misógina como a nossa. Posteriormente, foi feita a análise textual do livro “**Coisa de menina**” (2016) que busca proporcionar um diálogo didático e lúdico a respeito do feminismo. Em seguida, são apresentadas orientações pedagógicas de como trabalhar com as crianças acerca da temática, por meio da literatura infantil.

3 A LITERATURA INFANTIL COMO UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA TRABALHAR: O QUE É "COISA DE MENINA"?

“Arbol dela esperanza mantente firme (Árvore da esperança mantém-te firme).” (Kahlo, 1946, s/p).

3.1 A literatura infantil como uma ferramenta transformadora

Os livros infantis são objetos visuais que apresentam histórias que englobam questões sociais e fictícias que dialogam com os contextos sociais. Por essa razão são bastante importantes para o processo de ensino e aprendizagem, para além de despertar a imaginação, criticidade e autonomia. Por tais motivos, entendo que precisam ser utilizados para que os(as) seus(suas) leitores(as) possam refletir, discutir, problematizar as narrativas, como uma forma de relacioná-las com a realidade que presenciam, buscando a conscientização social.

Desse modo, é possível entender que a literatura infantil se constitui como um artefato representativo que pode despertar o(à) leitor(a) a compreensão da multiplicidade humana sendo uma das muitas possibilidades de explorar sobre os diversos sentidos de ser mulher, assim como desenvolver intervenções com o intuito de combater a disseminação de argumentos preconceituosos e discriminatórios nos ambientes escolares e fora deles. Assim, compreendo que:

[...] a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (Zilberman, 2009, p. 17).

A autora trata dos efeitos da leitura, pois ao mesmo tempo que pode se constituir por uma história ficcional, que impulsiona a imaginação de quem lê, também pode suscitar reflexões e análises sobre o mundo vivido. A literatura infantil vincula-se, muitas vezes, a questões pedagógicas nas instituições de ensino; contudo, é preciso compreendê-la de modo mais amplo, pois ela estimula a formação dos(as) sujeitos(as), principalmente quando se relaciona às questões contemporâneas, o que reforça o reconhecimento do(a) leitor(a) com os(as) personagens e os temas das histórias lidas. Fundamento-me na compreensão de que a fantasia “[...] quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos etc.” (Candido, 1999 p. 83). E, por essa razão, as questões pontuadas pelo autor também devem ser problematizadas.

Do mesmo modo, é importante salientar que, mesmo entendendo as obras literárias como instrumentos que podem potencializar a construção de valores humanos, no que tange à temática dos papéis sociais ocupados pelas mulheres na sociedade contemporânea, compreende-se que há uma resistência nas produções infantis, dos(as) autores(as) e do próprio campo editorial. Nos deparamos com poucas produções literárias que discutem esta temática, assim como na defesa de posicionamentos ideológicos que interferem negativamente quanto à figura feminina, os quais corroboram para o seu silenciamento e invisibilidade.

Para mais, é relevante evidenciar que os(as) educadores(as) precisam estar atentos(as) e se questionar de que modo a literatura infantil tem buscado tratar sobre a temática em questão, pois é importante considerar o caráter humanizador da literatura, destacado por Candido (2011). A literatura infantil possibilita a percepção, a reflexão, a construção e a proximidade com diferentes concepções de mundo, do ser humano, estimulando também suas relações culturais e sociais. Nesse sentido, “a experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional” (Zilberman, 2009, p. 17). O contato com os livros se torna importante, pois é também um meio de ampliar nossa capacidade intelectual de ler o mundo.

Além disso, a literatura pode ressignificar a vida dos(as) sujeitos(as), pois “[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar” (Petit, 2008, p. 38). Nessa perspectiva, por meio da leitura somos abraçados(as), as palavras nos empoderam, possibilitando nos reconhecermos, mas ao mesmo nos expõem diferentes perspectivas do real. Por essa potência, é importante também selecionar obras que deem voz e visibilidade aos grupos subalternizados pela sociedade, pois são as histórias sobre estas pessoas que possibilitam ampliar nossa concepção de mundo. Assim, os(as) escritores(as)

[...] nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças a suas histórias, escrevemos a nossa, por entre linhas. E porque tocam o mais profundo da experiência humana — a perda, o amor, o desespero da separação, a busca de sentido — não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós. E é exatamente nesse ponto que jovens leitores vindos de meios menos favorecidos podem, muitas vezes, se encontrar com eles. Com frequência esses jovens relatam como certos textos, nobres ou humildes — mas também filmes ou canções —, lhes ajudaram a viver, a pensar em si mesmos, a mudar um pouco seu destino. E não somente na adolescência. (Petit, 2008, p. 39).

Diante do exposto pela autora, entendemos a importância de levar adiante as histórias que possibilitem compreender nossa própria identidade. Por isso, entendo que o livro “Coisa de menina” (2016) perpassa pela questão da representatividade e empoderamento da figura feminina, ao dar sentido ao que as meninas estão vivendo, ou podem viver, ao se identificarem como sujeitas capazes de trilhar seus próprios caminhos. Além disso, pode ser visto também como uma possibilidade de as crianças reescreverem suas próprias histórias, de forma que construam reflexão, criticidade e conscientização sobre as questões sociais que envolvem o meio em que vivem desde muito cedo. Isso pode contribuir para o reconhecimento de seus valores, costumes, ideais, buscando formar sujeitos(as) que possam romper com os modelos a serem seguidos de como ser mulher.

Sobretudo, compreendo que a literatura infantil possui um papel importante na vida dos(as) sujeitos(as), pois por meio dela é possível aproximar as crianças de questões sociais, além de propiciar seu desenvolvimento intelectual, assim como instigar o hábito de ler, aspectos tão importantes para a compreensão da diversidade social. Assim, nos tópicos seguintes foram apresentados os procedimentos metodológicos, que auxiliaram na análise do artefato literário “Coisa de menina”, para que, em seguida, fossem expostas algumas orientações pedagógicas com o intuito de auxiliar na mediação do diálogo com as crianças

por meio dessa obra.

3.2 Análise do artefato literário infantil

3.2.1 Síntese do livro

Antes de apresentar o livro “Coisa de menina” (2016), cumpre esclarecer ao leitor como foi feita a escolha dessa obra. A busca inicial pelas obras literárias que tratam sobre o tema, para compor o *corpus* de análise desta pesquisa, ocorreu por meio de um levantamento feito em *sites*, nos quais pude encontrar alguns livros que abordam sobre a temática. Para a escolha da obra literária, utilizei as palavras-chave: *mulher, feminismo, desigualdade de gênero e literatura infantil*. Diante de outras obras encontradas, sendo: *Princesas escalam montanhas?* (Rafaela Carvalho, 2018); *Malala, a menina que queria ir para escola* (Adriana Carranca, 2015); *A princesa e o gigante* (Hart Caryl, 2019), foi selecionada apenas uma para análise, sendo a obra: *Coisa de menina* (Pri Ferrari, 2016), pois a narrativa dialoga com a linha de pensamento deste trabalho. Saliento que esta etapa foi fundamental, pois pude refletir sobre o que tem sido produzido sobre a temática tratada neste trabalho.

A escolha pela referida obra literária infantil também se justifica por evidenciar pautas importantes acerca de gênero, papéis sociais e empoderamento feminismo de forma lúdica, dando enfoque na desconstrução do machismo estrutural e desigualdade de gênero, elucidando, de forma didática, que meninas ocupam espaços em que ainda há hegemonia masculina. Ainda possibilita refletir sobre as funções sociais das mulheres na sociedade e pensar sobre a importância de desenvolver ações e diálogos com as crianças, assim como nas representações das diversas “meninas”.

Para a realização da análise do artefato literário selecionado, foi utilizado como suporte metodológico a análise textual que, segundo Severino (2014, p. 105), “é uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos”. Nesse sentido, foi feito um roteiro que teve como foco identificar: o movimento feminista presente no artefato literário; qual o confronto que o livro propõe entre os papéis sociais ocupados pelas mulheres na história e na sociedade contemporânea; e as orientações pedagógicas para o debate com as crianças, por meio do livro infantil.

O diálogo que ora se propõe teve como base autoras que discutem sobre o movimento feminista e as concepções do ser mulher, por isso destacam-se inicialmente as pesquisadoras Garcia (2011), hooks (2018), Silva e Brabo (2016), entre outras que colaboraram para a

análise teórica sobre o que é ser mulher na contemporaneidade. Vale ressaltar que, para melhor reflexão e compreensão acerca da história, analisei também algumas imagens do livro, as quais contribuíram para atender os objetivos propostos, bem como uma possível resposta para o problema desta pesquisa.

O livro: **“Coisa de menina”** foi escrito e ilustrado por Pri Ferrari e publicado no ano de 2016 (Figura 1). A autora é escritora, ilustradora e publicitária, e buscou nessa obra infantil e, em outras que já escreveu, contar histórias que tivessem impacto significativo para a sociedade, assim como proporcionar o acesso das crianças ao protagonismo feminino e a igualdade de gênero, dentre outros(as) sujeitos(as) subalternizados pela sociedade.

Figura 1: Ilustração da capa



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

A narrativa tem enfoque informativo, onde seu enredo se desenvolve por meio da questão norteadora: O que é coisa de menina? Ao contar e apresentar para o(a) leitor(a) uma série de meninas com características físicas, profissões, sonhos e personalidades diversas, ocupando lugares comumente ao universo masculino, busca romper com o cenário sexista que nós mulheres somos submetidas. Para mais, a história nos conduz para a igualdade de gênero, no qual meninas e meninos devem ser livres para coexistirem na sociedade da forma que quiserem, garantindo sua emancipação e incentivando a luta contra a cultura machista enraizada na contemporaneidade.

É possível compreender que Ferrari (2016) busca elucidar as políticas feministas, fazendo-nos refletir em como é comum as crianças, desde a primeira infância, ouvirem “isso

não é para menino(a)”, sendo, em sua maioria, impostas a uma educação sexista. Os ideais defendidos no artefato literário nos convidam a (re)pensar sobre o patriarcado ainda presente em nossa sociedade e a importância de buscarmos meios para mudar esse contexto, uma vez que não há uma regra a ser seguida, somente na emancipação dos(as) sujeitos(as), principalmente das mulheres/meninas para se aventurarem pelo mundo. Entendo que tudo que há nele também pertence a elas.

Com isso, a narrativa nos apresenta meninas (re)descobrimo o mundo visto como “masculino”, no qual desempenham diversas profissões, como por exemplo de: astronauta, mecânica, empreendedoras, dentre outras. Dessa forma, percebe-se que o intuito do livro é dar visibilidade para as meninas, evidenciando seu potencial e a capacidade de construir suas próprias identidades e histórias de vida em quaisquer espaços sociais.

Por fim, podemos refletir que, a cada página, os papéis desempenhados pelas meninas na obra nos convidam a (re)pensar até que ponto nós mulheres atuamos em áreas profissionais que queremos, pois nos deparamos, em nosso cotidiano, com influências e modelos patriarcais, que nos negam o direito de escolha. Percebemos que, desde o título, somos instigados(as) a refletir sobre as ideias sexistas e estimular o empoderamento feminino.

3.2.2 O movimento feminista presente no artefato literário

Na primeira página do livro é apresentada uma indagação (Figura 2), a qual nos coloca a refletir: O que é coisa de menina? É importante compreendermos que o livro busca abordar sobre o feminismo, ao ampliar nossa concepção a respeito da potencialidade das meninas poderem ocupar diversos papéis na sociedade.

Figura 2: Ilustração da página 01



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

A indagação apresentada pelo livro (Figura 2) nos convoca a problematizar também em como nós mulheres, em certa medida, somos influenciadas a escolhermos profissões por fatores étnicos, sociais, econômicos, familiares e em principal de gênero, nos levando a uma falsa ilusão de escolha a qual é negado o direito de sermos livres. Nesse sentido, é apresentado um leque de ambientes profissionais que elas frequentam e atuam, porém, em sua maioria, eles são negados ou há obstáculos significativos para ocupa-los, devido à hierarquização patriarcal perante o sexo feminino. Garcia (2011, p. 19) nos convida a refletir sobre esta questão, por meio do conceito de gênero, que:

Parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos naturais ou biológicos, mas sim construções culturais. Por gênero entendem-se todas as normas, obrigações, comportamentos, pensamentos, capacidades e até mesmo o caráter que se exigiu que as mulheres tivessem por serem biologicamente mulheres.

Com base nesta linha de pensamento da autora, tanto nós mulheres quanto os homens estamos sociocultural e biologicamente condicionados a coexistir na sociedade com base nos fatores naturais. Porém, somos sujeitos(as) em constante desenvolvimento e construção, por sermos pessoas sociáveis e com constante contato com a diversidade cultural e social; e, por esse motivo, não é possível nos enquadrar nos ideais biológicos, definindo nosso comportamento, tendo em vista que nossa identidade é construída por meio da nossa relação com o mundo.

Sendo assim, os estudos de gênero têm como foco principal “desmontar o preconceito de que a biologia determina o feminino enquanto o cultural ou humano é uma criação masculina” (Garcia, 2011, p. 20). E é neste mesmo viés que o feminismo se faz presente no livro “Coisa de menina”, ao proporcionar uma

[...] tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (Garcia, 2011, p. 28).

E a partir deste movimento, é possível compreender melhor o meio que nos cerca sob outros horizontes, principalmente quando se é mulher, tendo em vista a visão sexista atrelada à figura feminina que nos colocado em posições de subalternização muitas vezes. Por tais motivos, hooks (2018, p. 23) nos convida a refletir que ao “compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas”. Assim, o feminismo se torna uma divisor de águas para nós mulheres, pois é por meio dele e das que vieram antes de nós, que conseguimos alcançar significativos avanços, para não somente nos libertar destas condições de discriminação, mas termos acesso a ferramentas literárias pedagógicas que abordem sobre as potencialidades do ser mulher.

Nesse sentido, ainda é preciso lutar para ser ouvida, para ter visibilidade e direito de ocupar espaços tradicionalmente como masculinos. É preciso resistir em uma sociedade tão hostil e, por isso, um livro infantil que visa empoderamento da figura feminina, precisa envolver também os meninos no debate, pois:

[...] Sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir. Da forma como está, precisamos trabalhar com muita dedicação para corrigir o pressuposto já tão arraigado no inconsciente cultural, de que o feminismo é anti-homem. O feminismo é antissexismo. Um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas, é um companheiro valioso de luta, e de maneira alguma é ameaça ao feminismo. (hooks, 2018, p. 27)

Compreendemos a importância de apresentar o movimento feminista tanto para as meninas quanto aos meninos, pois não é luta somente de nós mulheres, mas de todos(as) e os homens precisam ter atitudes que combatam o sexismo e de se reconhecerem como sujeitos historicamente privilegiados de poder e direitos. Diante disso, o artefato literário se torna uma possibilidade de conscientização para que meninas e meninos entendam que não existe coisa

de menina, mas uma diversidade de profissionais, papéis e versões que ambos os sexos podem desempenhar na sociedade.

3.2.3 Qual o confronto que o livro propõe entre os papéis sociais ocupados pelas mulheres na história e na sociedade contemporânea?

A escola é um espaço social que precisa acolher a diversidade de corpos, gêneros, sexualidades, étnica, cognitiva, sensorial, dentre outras, tendo em vista que é um dos primeiros lugares em que a criança frequenta para aprender e conviver em sociedade. No entanto, lidar com as diferenças acaba sendo uma tarefa um tanto desafiadora para todo o corpo docente, pois nas instituições de ensino também são formadas, cultural e historicamente, hierarquias e relações sociais de poder entre os indivíduos, o que corrobora para a presença marcante das desigualdades, preconceitos e discriminações.

Por isso, o artefato literário selecionado caminha na contramão dos ideais patriarcais presente na sociedade, pois nos apresenta (Figuras 03, 04 e 05) novas concepções e horizontes, a respeito dos papéis sociais da figura feminina, já que no livro são retratadas meninas livres que possuem identidades próprias, com interesses, gostos e quereres.

Figura 03: Ilustração da página 06



Fonte: Livro Coisa de menina (2016)

Figura 04: Ilustração da página 11



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

Figura 05: Ilustração da página 13



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

As questões de desigualdade se fazem presentes nos ambientes escolares, pois às crianças são impostos papéis sociais de acordo com seu sexo. Desde antes mesmo de nascerem constroem-se expectativas e criam-se normatizações, nas quais a família determina “[...] regras ideais de conduta e dos comportamentos considerados próprios do homem e da mulher, do menino e da menina” (Silva; Bravo, 2016, p.128). E com o início da escolarização, elas enfrentam uma “aliança” entre o núcleo familiar e a escola, condicionadas a um processo de ensino e aprendizagem de como se comportar e agir como menina e menino, com base em:

[...] brinquedos, roupas ou qualquer outro instrumento que transmita e condicione os papéis de gênero que meninas e meninos devem utilizar: eles com carrinhos, dinossauros e soldados de brinquedo, preparando-se e

assimilando-se à autonomia, à liderança e à agressividade; elas com miniaturas de utensílios domésticos, bonecas e pôneis, ajustando-se ao âmbito doméstico e resignado, à natureza, simulando a maternidade. (Silva; Brabo, 2016, p. 133).

Isso nos leva a refletir que, desde a infância, as crianças estão inseridas em um meio sexista, em que os papéis sociais ensinados e impostos têm a finalidade de prepará-las para a fase adulta. Dessa forma, tanto a escola como a família proporcionam situações, regras, valores e culturais que reproduzem estas condutas sexistas, impossibilitando que a criança viva sua fase de desenvolvimento, na qual possa se aventurar, explorar o mundo de forma lúdica e o imaginário e que, principalmente, tenham autonomia para construir suas próprias identidades, independente de cor, roupa ou brinquedo.

Assim, é possível identificar, no livro, meninas que gostam de se aventurar pelo mundo afora escalando montanhas, são apaixonadas por mecânica, consertam motos e são livres para trilhar seus próprios caminhos. Também podemos visualizar meninas ocupando cargo de empreendedoras, que constroem grandes impérios no mundo dos negócios, tendo em vista que são pessoas capazes de liderar uma equipe.

Para mais, ao analisar o contexto do livro, é possível refletir que o confronto com a visão do patriarcado, a respeito da divisão de trabalho e a figura feminina, está assentada no sexo biológico, pois a mulher é vista somente como dona de casa, cuida dos(as) filhos(as); e ao exercer algumas profissões são, em sua maioria, “[...] aquelas que favorecem o ensino, o cuidado, as atividades domésticas cotidianas e a maternidade, como sensibilidade, passividade, meiguice, tolerância.” (Lima, Voig, Feijó, Camargo, Cardoso, 2017, p. 37). A obra literária (Figuras 06, 07 e 08) combate esses ideais preconceituosos ao exemplificar que meninas são fortes, corajosas, criativas. Com isso, estão em todas as modalidades de esportes, quebrando recordes; são químicas, fazem experimentos perigosos e criam produtos e também são bombeiras, diariamente salvando vidas.

Figura 06: Ilustração da página 04



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

Figura 07: Ilustração da página 14



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

Figura 08: Ilustração da página (17)



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

Por esses e outros motivos, a obra literária se torna uma possibilidade de intervenção para combater o sexismo, pois apesar de termos alcançado avanços significativos, no que se refere à valorização da identidade da mulher, sua participação no mercado de trabalho, a presença da figura feminina, muitas vezes, é desvalorizada e subestimada, promovendo a desigualdade e discriminação de gênero.

Além desses aspectos já explorados, é importante destacar que as próprias ilustrações do texto problematizam a existência de um padrão para “ser mulher” na sociedade (Figuras 03, 04, 05, 06, 07, 08). As imagens nos proporcionam confrontar as diversas representações de “menina” expostas na história, pois são retratadas em sua pluralidade e individualidade, não necessariamente em conformidade com os ideais heteronormativos de “feminilidade” se observamos a aparência, vestimenta ou o comportamento retratado.

A título de exemplo, chamo a atenção para as figuras 04 e 07. Na figura 04, vemos duas meninas consertando uma motocicleta. Além das habilidades mecânicas e de condução do veículo no senso comum atribuído aos homens - as vestimentas das meninas também destoam do que possa ser definido como “feminino”, numa perspectiva heteronormativa. A Figura 07, por sua vez, retrata uma personagem feminina que coloca em xeque a cisgeneridade¹³.

Além disso, elas também questionam aspectos da organização política do patriarcado e uma suposta crença de que mulheres de determinados grupos sociais não possam ter sua voz ouvida e visibilidade. Nesse sentido, destaco a Figura 05 que retrata provavelmente uma menina muçulmana (pela presença do hijab), colocando em contrariedade os ideais discriminatórios de que tais mulheres devem ser submissas aos homens, boas donas de casa, não trabalharem fora, muito menos falarem em público.

Nesse sentido, por meio do livro é possível refletir sobre o padrão heteronormativo imposto nos corpos femininos e vislumbrar a importância de educarmos meninas para serem livres, autônomas, criativas, líderes, corajosas, fortes, conscientes e seguras de si mesmas, para estar e desempenhar quaisquer papéis na sociedade. E é por esta razão que tanto meninas como meninos precisam ser educados(as) contra o sexismo, para que assim possam “[...] percorrer novos caminhos com seu pensamento, para criticar e construir, para cozinhar e lavar pratos, para unificar o que foi fragmentado arbitrariamente” (Moreno, 1999, p. 12). Logo, é

¹³ Cisgeneridade é a categoria que se refere à pessoa que se identifica com o gênero atribuído no nascimento, isto é, categoria que determina a qualidade de ser cisgênero. A pessoa cisgênera seria, então, aquela cujo sentimento de ser de um gênero coincide com o sexo designado no nascimento. (Hining; Toneli, 2023, p.2).

por meio de uma educação antissexista que a revolução feminista poderá alcançar sua concretude.

3.3.4 Orientações pedagógicas para o debate com as crianças, por meio da obra literária

O artefato literário (Figura 09) nos traz a visão de um possível mundo, onde todas as meninas possuem direitos, vozes ouvidas, visibilidade, autonomia e que são livres para desempenharem diversos papéis em nossa sociedade, independentemente do sexo biológico, o que contribuiu para a construção de suas próprias identidades e concepções acerca de sua própria existência.

Figura 09: Ilustração da página (21)



Fonte: Livro Coisa de menina (2016).

Neste sentido, a leitura desta obra se torna precisa ao ser problematizada tanto no contexto familiar quanto no escolar, ou em outros espaços formativos, pois contribui para o fortalecimento do vínculo familiar, escolar, assim como combater as questões de desigualdade e discriminação e promover o empoderamento feminino. É importante que a discussão seja mediada por um responsável de forma horizontal, que dê abertura para que as crianças possam expressar suas concepções; e, a partir disso, desenvolver intervenções pedagógicas, dentre outras metodologias, com o intuito de combater práticas preconceituosas, excludentes e discriminatórias.

Com base nessa perspectiva, mesmo que o livro não traga orientações pedagógicas para nos auxiliar no trabalho com as crianças, a partir de sua leitura, foi possível listar

algumas sugestões, que tiveram como suporte teórico o livro **“Para educar crianças feministas”** (2017), de autoria de Chimamanda Ngozi Adichie, que além de escritora é formada em comunicação e ciência. Atualmente, ela é uma das maiores vozes da literatura africana. Sua obra é uma versão de carta, na qual traz algumas sugestões de como mediar uma educação feminista para as meninas, podendo se direcionar aos meninos, pois é necessário a formação de sujeitos(as) revolucionários.

Baseada em sua leitura, optei por trazer não uma sugestão de trabalho com o livro, mas elencar uma série de princípios que se dividem em: orientações pedagógicas para os(as) professores(as) e família que podem ser observados na utilização do artefato literário analisado (mas não só com ele); e em situações diversas de ensino-aprendizagem que podem pautar a causa e o lugar da mulher.

Tratam-se, portanto, de sugestões, apresentadas como uma forma de auxiliar os(as) adultos(as), tanto com meninas, quanto com meninos, assim como na importância de mediar uma educação antissexista, com o foco de contribuir para a formação de sujeitos(as) emancipados(as) e emancipadores(as).

Quadro 1 - Sugestões de intervenções pedagógicas que podem ser feitas com o livro “Coisa de menina” (2016), Pri Ferrari

Professores(as)	Família
- Forneçam um ambiente estimulador, onde a criança possa crescer e se desenvolver, com objetos diversos que as permitem explorar, contribuindo para ampliar seu repertório cultural e social;	- Respeitar e compreender o movimento feminista e sua luta, só assim será possível educar crianças antissexistas;
- Dialoguem com a escola e familiares sobre a importância de se debater sobre as questões de gênero. Isso pode ser feito por meio de palestras com profissionais da área, oficinas, minicursos.	- Forneça um ambiente estimulador, onde a criança possa crescer e se desenvolver, com objetos diversos que as permitem explorar, contribuindo para ampliar seu repertório cultural e social;
- Desenvolvam atividades em parceria com Universidades, para que seja possível ampliar suas concepções e combater as barreiras de se trabalhar esta temática nos campos educacionais e familiares;	- Antes de realizar a leitura com as crianças, conte brevemente do que trata a história, deixem com que eles(as) tragam suas visões e partir disso façam perguntas norteadoras, como por exemplo: o que gostam de brincar? qual sua cor preferida? o que querem ser quando crescer? Esta é uma forma de identificar o sexismo presente na vida destes sujeitos(as);

- Após a leitura, estabeleçam diálogo, problematizando questões presentes na obra, como: O que é coisa de menina? O que acham das profissões ocupadas pelas meninas na história? Vocês gostariam de brincar destas brincadeiras? entre outras;	- Após a leitura, estabeleça um diálogo, problematizando questões presentes na obra, como: O que é coisa de menina? O que acham das profissões ocupadas pelas meninas na história? Vocês gostariam de brincar destas brincadeiras? entre outras;
- Desenvolvam atividades e ações após a leitura, como por exemplo: brincar de profissões, deixar as crianças livres para escolher suas roupas/brinquedos;	- Incentivar meninos e meninas a desenvolverem tarefas domésticas, isso entre outras atitudes podem ressignificar que estas tarefas são importantes para seu cotidiano;
- A história nos apresenta uma grande diversidade do que é coisa de menina, expliquem sobre estes papéis e os espaços que todos(as) podem estar;	- Façam com que as meninas se sintam representadas, por meio do contato delas com a histórias das grandes mulheres revolucionárias da nossa história;
- Percebam que assim como no livro, é preciso valorizar as particularidades de cada sujeito(a), respeitando seus pontos fracos e fortes de modo individual, para que cada criança possa construir sua melhor versão;	- Percebam que assim como no livro, é preciso valorizar as particularidades de cada sujeito(a), respeitando seus pontos fracos e fortes de modo individual, para que cada criança possa construir sua melhor versão;
- Não leiam a história somente por ler, busque desenvolver práticas e/ou intervenções que possam combater as barreiras do patriarcado, despertando na criança sua conscientização e incentivando-as a expor suas opiniões;	- Deixem que as crianças sejam livres para brincarem, vestirem e serem quem quiserem ser. O fato de uma menina gostar de brincar de carrinho e um menino da cor rosa não irá interferir na construção de sua identidade;
- É preciso expandir os conhecimentos a respeito do gênero, movimento feminista entre outras questões presentes no livro, consultando fontes confiáveis;	- Eduquem as meninas para serem mulheres confiantes, seguras, competentes, aventureiras, líderes e os meninos para serem homens educados, sentimentais, donos de casa e que abracem também o movimento feminista;
- Sejam pacientes! Crianças são sujeitos(as) curiosos(as) e por essa razão é necessário demonstrar a elas que vocês estão abertos(as) para sanar suas dúvidas;	- Ensinem as crianças que elas não precisam agradar ninguém, visto que ensinamos meninas a serem agradáveis, boazinhas e frágeis e não acontece o mesmo com meninos. Por isso eduque ambos da mesma forma, incentivando-os(as) a serem corajosos(as), honestos(as), bondoso(as);
- Não tenham medo de errar! Os erros fazem parte do nosso próprio processo de crescimento enquanto profissionais e seres humanos.	- Demonstre para os meninos que eles são sujeitos privilegiados perante os ideais patriarcais;
- As intervenções devem ser feitas diariamente, seja uma chamada de atenção, ou confrontar posturas sexistas realizadas pelas próprias crianças, ou corpo docente e gestora da escola.	- Dê às meninas o entendimento de suas raízes. Façam com que elas compreendam que só estão onde estão, devido a luta de tantas mulheres que vieram antes delas;

- Incentivem as crianças a serem livres!	- Incentive-as a se orgulhar de quem são.
--	---

Fonte: autoria da graduanda

Diante das sugestões mencionadas acima, é importante refletir que o artefato literário possibilita trabalhar temas como a: desigualdade de gênero, sexismo, cultura patriarcado, movimento feminista, papéis sociais, dentre outros. Por ser um livro de fácil compreensão possibilita aos(as) educadores(as) e responsáveis conhecerem mais a fundo sobre o movimento feminista e em como às crianças, na maior parte das vezes, são impostos o que precisam aprender e se desenvolver em sociedade por meio dos ideais sexistas.

Com isso, “historicamente, o processo educativo tem sido marcado por práticas que reforçam a educação sexista e o patriarcado.” (Galetti, 2013, p. 84). As meninas são submetidas a participarem de brincadeiras que remetem a tarefas domésticas, usarem vestidos, desempenharem comportamentos adequados e ocuparem papéis que remetem a cuidados; já os meninos é imposto o brincar de carrinho, outras brincadeiras que remetem a aventuras, força e poder, uma vez que estes sujeitos não podem demonstrar serem frágeis e sentimentais.

Sobre estas questões podemos refletir que os “[...] brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação” — trens, carrinhos —, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas.” (Adichie, 2017, p. 11). Isso nos leva a compreender como os estereótipos de gênero interferem negativamente na vida das crianças, pois elas não possuem, muitas vezes, o direito de escolha, o que impossibilita que ela alcance seu desenvolvimento e potencialidade.

Por tais motivos, é necessário que os adultos (re)pensem sobre a reprodução de conhecimentos patriarcais que têm sido mediados para as crianças, tendo em vista que sua identidade é construída a partir do seu contato com o mundo e as experiências vivenciadas por elas na infância contribuem para sua formação. Diante disso, é importante que cresçam em um ambiente livre de estereótipos, com o intuito de potencializar sua formação e esse artefato literário pode ser um caminho para alcançar a conscientização e transformação social.

Nessa perspectiva, devemos ensinar para nossas crianças que “papéis de gênero” são uma forma de exclusão e discriminação, uma vez que nenhum sujeito(a) não pode deixar de fazer algo, por não ser “coisa de menina fazer”. Essas questões perpassam toda a história “Coisa de menina” (2016) ao nos apresentar meninas habilidosas e aventureiras. Por isso, no

processo de ensino e aprendizagem podem ser feitas ações que possibilitam que as crianças explorem suas potencialidades em todas os campos profissionais, até porque:

Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende. Cozinhar — o serviço doméstico em geral — é uma habilidade que se adquire na vida, e que teoricamente homens e mulheres deveriam ter. É também uma habilidade que às vezes escapa tanto aos homens quanto às mulheres. (Adichie, 2017, p. 11).

O livro dialoga a respeito destas concepções e pode ser usado como uma ferramenta de representatividade ao proporcionar um diálogo significativo com seus(as) leitores(as), por meio da qual compreende-se que não há como definir o que é coisa de menina, contribuindo para refletir sobre as condições socialmente construídas, que acabam determinam regras de vivência para a figura feminina.

Tratar sobre as questões de gênero nas escolas tem sido uma tarefa um tanto desafiadora devido às barreiras ideológicas impostas nestes espaços. No entanto, o diálogo é precioso, pois a “[...] educação torna-se uma ferramenta importante para que as mulheres tornem-se precursoras de suas histórias e tenham perspectiva de uma vida para além das limitações que o patriarcado impõe.” (Galetti, 2013, p. 85). E isso nos leva a analisar que, com mediação de uma educação transformadora, é possível que muitas crianças possam se conscientizar, libertando-se e transformando continuamente de suas próprias realidades.

Logo, o trabalho com a literatura é uma forma de auxiliar a criança “[...] a entender e questionar o mundo, [...] ajudá-la a se expressar, [...] ajudá-la em tudo o que ela quiser ser — chefs, cientistas, artistas, todo mundo se beneficia das habilidades que a leitura traz.” (Adichie, 2017, p. 14). Por isso, percebe-se a importância de selecionar livros que possibilitem à criança fazer o diálogo entre sua realidade e a história narrada. A representatividade feminina no artefato literário **“Coisa de menina”** (2016) demonstra a importância de se combater o sexismo e as limitações que nós mulheres enfrentamos na sociedade, e isso pode ser feito pela literatura, tendo em vista que contribuiu de modo significativo para compreendermos as diversas possibilidades de existir na contemporaneidade.

4 É APENAS O COMEÇO...

Nas linhas iniciais deste trabalho, destaquei que a presente pesquisa buscou refletir sobre como a atuação docente pode ser potencializada pelas múltiplas formas de ser mulher no trabalho com a literatura infantil. Neste sentido, entendo que esse movimento contribuiu

não somente para compreender minha identidade, mas sobretudo para que pudesse entender a importância do meu papel na docência, tendo em vista que devido à presença marcante do sexismo em nossa sociedade faz-se necessário que haja discussão sobre as questões de gênero nos espaços educativos com viés formativo conscientizador. Para mais, este diálogo como foi apontado ao longo deste TCC, pode ocorrer por meio da literatura infantil (aqui exemplificado pelo livro “Coisa de menina” (2016), sendo um instrumento transformador que proporciona reflexões e problematizações sobre os contextos nas quais estamos inseridos, promovendo a formação de sujeitos(as) emancipados(as).

Para mais, ao retornar à indagação primeira deste trabalho percebo que ao compreender o que é “ser mulher” me deparei com a impossibilidade de encontrar uma resposta única para esta problematização, uma vez que vivemos em uma sociedade diversa, nas quais nós construímos nossas identidades a partir de nossa relação com o mundo, perante nossos desejos, anseios, gostos e não há como conceituar um termo que é plural. A partir deste entendimento, foi possível me valorizar, identificar e acolher a mulher que sou e que estou construindo ser, e querer que outras mulheres também consigam tomar medidas que as possibilitem se livrar das amarras do patriarcado. Também consegui me (re)encontrar na docência, enquanto mulher e lésbica, compreendendo a importância de mediar conhecimentos que possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de meninos e meninas para coexistirem na sociedade fora dos ideais sexistas, para que possam explorar o mundo a fora e se sentirem completos(as) por si mesmos(as).

Além do mais, saliento que a literatura infantil oportuniza para seus(suas) mediadores(as) o contato com uma ferramenta transformadora, a qual, de forma lúdica, didática possibilita trabalhar com as crianças a respeito das questões de gênero, com o intuito de formar leitores(as) com conscientização social e que almejam combater e confrontar a realidade o preconceito e ações de discriminação e inferiorização que ocorre com a figura da mulher.

Outrossim, ao retomar os objetivos traçados inicialmente, compreendo que, de modo geral, eles foram alcançados, pois ao fazer o movimento de reflexão e ação, pude compreender como nós mulheres estamos condicionadas a viver em uma sociedade regida pelo contexto social do patriarcado, no qual ainda somos vistas como seres frágeis, incapazes, invisibilizadas o que tende a nos levar desempenhar papéis de inferioridade. E por esta razão é importante dar continuidade na luta que nossas ancestrais e as mulheres que vieram antes de nós iniciaram, para que possamos alcançar uma sociedade mais justa.

Adentrar no espaço acadêmico se tornou um divisor de águas para mim, pois os ensinamentos e conhecimentos que obtive ao longo da graduação foram relevantes para colocar em suspensão a realidade na qual estava condicionada a viver, e a que estou vivenciando atualmente, tendo em vista que sendo formada em um curso majoritariamente feminino, entendo que minha figura de mulher e atuação enquanto pedagoga vai além de ser definida apenas como professora de criança pequena. Sobretudo, vejo-me uma educadora que acredita na potencialidade da educação para com o processo de ensino e aprendizagem dos(as) sujeitos(as), pois é uma forma de, para além de libertá-los(as) de posições de subalternização, educar crianças feministas para que possamos conquistar a revolução social.

Com isso, acredito que uma das formas de mediar uma educação transformadora pode ser feita por meio de artefatos literários que possam despertar e ampliar novas concepções a respeito da diversidade cultural presente em nosso meio. Por tais motivos, foi necessário analisar um livro de literatura infantil com uma perspectiva feminista, pois ao trabalhar com as crianças será possível estimulá-las a reescreverem suas próprias histórias, de forma que construam, desde muito cedo, reflexão, criticidade e conscientização sobre as questões sociais que envolvem o meio em que vivem. Isso pode contribuir para o reconhecimento de seus valores, costumes, ideais, buscando formar sujeitos(as) que possam romper com os modelos a serem seguidos de como ser mulher.

Sendo assim, foram apresentadas, nesta pesquisa, algumas orientações didáticas pedagógicas sobre o tema para a educação de meninas e meninos, por meio da obra literária “Coisa de menina” (2016) com o intuito de refletirmos sobre a importância de não somente ficar na teoria, mas também desenvolver intervenções que possam contribuir de modo significativo na formação dos(as) sujeitos(as). E para que, tanto o curso de Pedagogia - Campus Pontal, os espaços escolares e não escolares, as famílias quanto os(as) futuros educadores(as) ampliem nossos conhecimentos a respeito das questões de gênero, tendo um uma gama de possibilidades que a literatura infantil corrobora para tornar as discussões transformadoras.

Em linhas finais, compreendo que a escrita deste TCC se faz importante também, tanto para contribuir para o campo de pesquisa em que se insere, quanto para ser uma porta voz de uma jovem pedagoga que, durante muito tempo foi silenciada e invisibilizada pela estrutura patriarcal impregnada em nossa sociedade. Todavia, as inquietações sobre o sexismo me acompanharam desde muito antes de entrar na universidade, porém foi somente na graduação que elas se intensificaram e afloraram em mim o desejo de fazer revolução.

Por tais motivos, entendo a necessidade de nos permitirmos realizar o movimento de (re)conhecimento, refletindo quem éramos, quem somos e quem buscamos ser. A realização deste processo despertou ainda mais em mim o desejo de proporcionar o acesso e compreensão à educação antissexista não somente às crianças, mas a todos(as), pois é uma forma de romper com os vestígios da cultura praticada. No que se refere ao meu exercício à docência, almejo contribuir por meio de intervenções pedagógicas, diálogos, acolhimento, socialização de saberes para a formação de sujeitos(as) e mulheres transgressoras, para que possam ser protagonistas de suas próprias histórias de vida.

5 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, p. 79-95, 2003.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Editora Companhia das Letras, 2017.

ALVES, B. M; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ARBO, J. B. Processos de generificação sob a perspectiva da teoria dos atos de fala. Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação Bacharelado em Letras-Redação e revisão de texto, [s. l.], p. 1-34, 2017.

Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/rrt/files/2018/04/PROCESSOS-DE-GENERIFICA%C3%87%C3%83O-SOB-A-PERSPECTIVA-DA-TEORIA-DOS-ATOS-DE-FALA.pdf>. Acesso em: 27 set. 2023.

ANDRADE, G. M; SOUZA, E. C. Narrativas de professoras lésbicas: Relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar **Cadernos da Pedagogia**, v. 17, n. 37, 2023.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**, v.II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 10 out. de 2023.

BRABO, T. S. A. M; SILVA, M. E. F. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?, **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 7, n. 3, 2016.

CAMPOS, L. F. et al. Práticas generificadas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise acerca dos trabalhos de conclusão de curso da Pedagogia. 2019.

CAMARGO, F. P. Novas configurações familiares na Literatura Brasileira Infantil e Juvenil: Leitura de meus dois pais, de Walcyr Carrasco e de Olívia Tem dois pais, de Márcia Leite. **Via Atlântica**, n. 24, p. 83-100, 2013.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, Campinas, 2012.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, R. **Princesas escalam montanhas?** Curitiba: Matrescência. 2018.

CARVALHO, S. M. G; PIO, P. M. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 428-445, maio/ago. 2017.
Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i249.2729>. Acesso em: 10 out. 2023.

CARYL, H. **A princesa e o gigante**. São Paulo: Brinque Book, 2019

CARRANCA, A. **Malala, a menina que queria ir para escola**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

EKENA. **Tudxs Putxs**. São Carlos/SP: Espiral, 2017. Acesso em: 30 out. 2023.

FARIA, N; NOBRE, M. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. **Gênero e educação: caderno para professores**. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, 2003, p. 29-42.

FERRARI, P. **Coisa de menina**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

FERREIRA, M. C. **Sexismo hostil e benevolente**: inter-relações e diferenças de gênero. Temas psicol. Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 119-126, jan./jun. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

GALETTI, C. H. Empoderamento feminino e trajetória de vida: os modelos rígidos do “ser mulher”. **Revista vernáculo**, n. 31, 2013.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em educação**, v. 2, n. 1, 2014.

GUTIERREZ. F. **Educação como práxis política**. São Paulo: Summus. 1988.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HINING, A. P. S; TONELI, M. J. F (2023). Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, 31(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n183266>. Acesso em: 27 fev. 2022

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

KEIKO, H. **Dicas de Mulher**. Página inicial. Disponível em: <https://www.dicasdemulher.com.br/desigualdade-de-genero/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

LIMA, F. I. A. de; VOIG, A. E. G. T.; FEIJÓ, M. R.; CAMARGO, M. L.; CARDOSO, H. F. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017. DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818>. Acesso em: 14 nov. 2023.

LOURO, G. L. **Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação**. 4 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MACHADO, V. N. O que é ser mulher na contemporaneidade?. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 26, n. 2, 2015.

MAGALHÃES, J.C; RIBEIRO, P.R.C. Artefatos culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, v.1, n.1, p.45-46, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/download/6232/4325/18920>. Acesso em: 05 jul. 2023.

MAGALHÃES, T. A. L. O papel da mulher na sociedade. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, v. 75, p. 123-134, 1980. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895>. Acesso em: 12 out. 2023.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

NIEDZIELUK, L.C. Gênero textual/ discursivo: Memorial descritivo no curso de pedagogia. CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS - CONEL., 1, **Anais...**, p. 1-4, 2011. Disponível em: periodicos.ufes.br. Acesso em: 17 jun. 2022.

NÓVOA, A. **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: 34, 2008.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (BH): Letramento, 2017.

REGUANT, Dolores. La mujer no existe. Bilbao: Maite Canal, 1996, p. 20.

In: Victoria Sau. **Diccionario ideologicofeminista**, vol. III. Barcelona: Içaria, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, A. O **Pequeno Príncipe**. Trad.: Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2016

SANTOS, T. O. Mulheres negras, escolaridade, sexismo e subordinação: identidades ex-postas na sala de aula. Pontos de Interrogação: **Linguagens, identidades e letramentos**, v. 2, n. 2, jul./-dez. 2012.

SARTRE, J. P. O **existencialismo é um humanismo**. A imaginação: questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SEVERINO, A. J. Universidade, ciência e formação acadêmica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

SEVERO, J. L. R. L. Sobre pedagogia e pedagogos em espaços não escolares: apontamentos desde uma síntese de investigação empírica. **Perspectiva**, v. 35, n. 3, p. 978-995, 2017.

SOUZA, E. C. de. A Escola e a Sexualidade: por que negar o prazer? **RBEP**, Brasília, v. 75, n. 179/80/81, 1994.

SOARES, V. “Muitas faces do feminismo no Brasil”. In: BORBA, Â ; FARIA, N GODINHO, Tatau (orgs.). **Mulher e Política, gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

TAQUETTE, S. R. *et. al.* **Mulher adolescente/jovem em situação de violência**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007. p. 95.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia - Grau Licenciatura**. 2017. Disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?yPDszXhdoNcWQHJaQIHJmJIqCNXRK_Sh2SMdn1U-tzOTpmmgT33WB409R1o6PfBT2L9wc_C_9l07RwQK7iBcpv00Kr4zz6VOvvJlqfMbG8J_RACwiP2VFvndQltw_eAncumento_consulta_externa.php (ufu.br). Acesso em: 06 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia - Grau Licenciatura**. 2018. Disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?yPDszXhdoNcWQHJaQIHJmJIqCNXRK_Sh2SMdn1U-tzOTpmmgT33WB409R1o6PfBT2L9wc_C_9l07RwQK7iBcpv00Kr4zz6VOvvJlqfMbG8J_RACwiP2VFvndQltw_eAncumento_consulta_externa.php (ufu.br). Acesso em: 06 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Ficha de componente curricular**. 2017a. Disponível em: <http://www.ich.ufu.br/system/files/conteudo/gpd059.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Ficha de componente**

curricular. 2019. Disponível em:

https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?yP. Acesso em: 06 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Decisão Administrativa Reito n.º 1/2020**, do Comitê de monitoramento ao covid-19. 2020. Disponível em:

https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5RYu-afiXEpZ8b8g7frjGLeDVsjcYwxAHgLcYoXfc3Ai9IdK3WQvtVYj1hX_iFxz-BbdeeN-a3T1o9WHvZdolmF. Acesso em: 20 out. 2023.

VEIGA, I. P. A. Eu, professora: uma narrativa autobiográfica. **Linhas Críticas**, v. 16, n. 30, p. 183-191, 2010.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, v. 1, n. 14, p. 11-22, 2008.